ISSN 1413-9243

TEXTOS NEPO

52

CAMPINAS,MARÇO DE 2007.

UNICAMP

CAPITAL SOCIAL E DINÂMICA MIGRATÓRIA: UM ESTUDO SOBRE BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS

AUTOR
WILSON FUSCO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
Prof. Dr. José Tadeu Jorge
Vice-Reitor
Prof. Dr. Fernando Ferreira Costa

Pró-Reitor a de Pós-Graduação
Prof.a Dra. Teresa Dib Zambon Atvars
Pró-Reitor de Pesquisa
Prof. Dr. Daniel Pereira
Pró-Reitor de Graduação
Prof. Dr. Edgar Salvadori de Decca
Pró-Reitor de Desenvolvimento Universitário
Prof. Dr. Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva
Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários
Prof. Dr. Mohamed Ezz El Din Mostafa Habib

Coordenador de Centros e Núcleos Interdisciplinares de Pesquisa
Prof. Dr. Jorge Ruben Biton Tapia

NÚCLEO DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO

Coordenadora
Profa. Dr.a . Rosana Baeninger
Vice-Coordenadora
Prof.a Dra. Regina Barbosa

FICHA CATALOGRÁFICA

Wilson, Fusco
Capital Social e Dinâmica Migratória: um estudo sobre brasileiros nos Estados Unidosl/Wilson Fusco - Campinas: Núcleo de Estudos de População/ Unicamp. 2007. 83 ps.
(Capital social e dinâmica migratória: um estudo sobre brasileiros nos Estados Unidos, TEXTOS NEPO 52).
1. Dinâmica Migratória. 2. Brasileiro nos Estados Unidos. I.Título. II. Série.

Índice para catálogo sistemático
1. Dinâmica migratória - 301-32

Centro de Documentação: Adriana Cristina Fernandes

Editor dos TEXTOS NEPO
Prof. Dr. Roberto Luiz do Carmo

Produção Editorial: NEPO-PUBLICAÇÕES

Myrcia Rose Skaetta
e-mail: myrcia@nepo.unicamp.br

SÉRIE **TEXTOS NEPO**

TEXTOS NEPO *- publicação seriada do Núcleo de Estudos de População da UNICAMP - foi criado em 1985 com a finalidade de divulgar pesquisas realizadas no âmbito deste Núcleo de Estudos. Apresentando uma vocação de cadernos de pesquisa, nesses seus vinte e cinco anos de vida foram publicados cinqüenta e dois números, contando com este, relatando trabalhos situados nas áreas temáticas correspondentes às linhas de pesquisa do NEPO.*

Os exemplares que compõem a série vêm sendo distribuídos para instituições especializadas na área de Demografia, ou mesmo dedicadas à áreas afins, no País e no exterior, além de ser objeto de constante consulta no próprio Centro de Documentação do NEPO. Essa distribuição é ampla, abrangendo organismos governamentais ou não governamentais – acadêmicos, técnicos e/ou prestadores de serviços.

Rosana Baeninger
Núcleo de Estudos de População
Coordenadora

Regina Maria Barbosa
Núcleo de Estudos de População
Coordenadora Associada

SUMÁRIO

CAPITAL SOCIAL E DINÂMICA MIGRATÓRIA: UM ESTUDO SOBRE BRASILEIRO NOS ESTADOS UNIDOS

INTRODUÇÃO 09

CAPÍTULO 1
PERSPECTIVAS TEÓRICAS PARA O CASO BRASILEIRO 11

CAPÍTULO 2
CARACTERIZAÇÃO DOS FLUXOS

2.1. Perfil da População Entrevistada 25
2.2. Dinâmica Temporal 34
2.3. Qualificação e Trabalho 44
2.4. Remessas 49
2.5. Brasileiro nos Estados Unidos: temos um padrão? 50

CAPÍTULO 3
CAPITAL SOCIAL E DINÂMICA MIGRATÓRIA 51

3.1. Conexão Brasil-Estados Unidos 52
3.2. Adaptação no Destino 59
3.3. Capital Cordial: troca de favores à moda brasileira 70

CONCLUSÃO 74

BIBLIOGRAFIA 77

CAPITAL SOCIAL E DINÂMICA MIGRATÓRIA: UM ESTUDO SOBRE BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS

Wilson Fusco

Introdução

A emigração de brasileiros para os Estados Unidos, tema principal deste trabalho, é um processo que acarreta inúmeros desafios para aqueles que decidem tentar a vida na América. As adversidades que surgem são resultantes, essencialmente, da condição clandestina em que a maioria dos brasileiros se encontra, seja por permanecer e trabalhar no país de destino sem o visto apropriado, seja pelo translado arriscado através da fronteira entre México e Estados Unidos.

Nossa intenção é analisar de que forma a organização social nas comunidades brasileiras nos Estados Unidos condiciona a inserção do migrante indocumentado nesse país. Especificamente, estamos interessados em verificar as várias dimensões de utilização dos recursos que circulam por meio de laços sociais, em associação aos efeitos de seletividade, expansão do movimento, adaptação do migrante no destino, e conexão entre pontos muito específicos na origem e no destino. Vários estudos sobre o tema já destacaram o papel que as redes sociais desempenham na vida dos migrantes, mas esse assunto é geralmente tratado de forma a complementar as análises que priorizam outros conceitos.

Consideramos necessária a complexificação deste tipo de análise, para que outras dimensões do processo possam ser melhor compreendidas. Em particular, nosso intento é utilizar uma abordagem mais sociológica que econômica, em função da dificuldade em se explicar tal fenômeno recorrendo apenas aos aspectos econômicos. A noção de capital social, nesse caso, nos parece o instrumento mais adequado à tarefa. Para analisar essa questão utilizaremos as informações provenientes de três *surveys*[1], realizados em cidades brasileiras que se configuram como pontos de saída para a migração internacional.

As pesquisas feitas em Governador Valadares – MG, e Criciúma – SC, buscaram captar a migração em direção aos Estados Unidos, enquanto que o levantamento feito em Maringá-PR coletou dados sobre os migrantes que vão para o Japão. Este último movimento é utilizado somente como uma referência para comparação com o anterior, pois é certo que o *status* de legalidade da maioria dos membros deste fluxo determina diferenças marcantes entre as estratégias de migrar.

No Capítulo I procuramos evidenciar como as teorias dominantes nesse campo, apesar de fornecer explicações plausíveis para as características mais gerais dos fluxos migratórios internacionais contemporâneos, deixam lacunas quando situações mais específicas são analisadas. Consideramos que a utilização do conceito de capital social é um progresso para o trabalho de análise, não somente por propiciar uma ligação entre

[1] O *survey* realizado em Governador Valadares-MG, em julho de 1997, faz parte do projeto CNPq (MCT/FINEP/PRONEX) intitulado "Imigrantes Brasileiros nos EUA – Cidadania e Identidade". Os surveys realizados em Criciúma-SC e em Maringá-PR, em junho de 2001, foram financiados pelo projeto FAPESP "As redes sociais nas migrações internacionais: os migrantes brasileiros para os Estados Unidos e Japão". Ambos projetos foram coordenados pela Profa. Dra. Teresa Sales.

abordagens macro e micro, mas também por permitir uma visão mais completa do movimento, mostrando tanto os constrangimentos e incentivos estruturais, como as estratégias individuais da população migrante.

Os resultados dos surveys que propiciam a caracterização dos fluxos que levam os brasileiros para os Estados Unidos e Japão são apresentados e analisados no Capítulo II. Nesse segmento, procuramos destacar as singularidades e semelhanças desses fluxos, tanto entre os quadros elaborados por outros trabalhos, como entre os movimentos em direção aos Estados Unidos e Japão. Atributos individuais, dinâmica temporal das viagens, trabalho e remessas financeiras são os assuntos deste Capítulo, que além de proporcionar uma imagem mais nítida do processo migratório em questão, possibilita algumas conjecturas sobre as estratégias de utilização do capital social.

Por fim, ressaltamos no Capítulo III as evidências de transferência de recursos sociais como um fator estreitamente relacionado aos efeitos resultantes na configuração mais geral do movimento. O diminuto número de locais de saída de brasileiros, conectados a específicos pontos de chegada no país de destino é o efeito mais evidente desse processo. Além disso, apresentamos no final desse Capítulo uma proposta para clarear algumas questões levantadas por autores brasileiros, a respeito de um dos mecanismos de transferência do capital social: a solidariedade étnica.

1. PERSPECTIVAS TEÓRICAS PARA O CASO BRASILEIRO

O movimento de brasileiros para outros países, de forma consistente e com volume expressivo, é um processo recente e semelhante à maioria dos atuais fluxos internacionais laborais. Tais fluxos apresentam novas características, principalmente no que diz respeito aos vetores de migração (origem-destino) e aos modos de incorporação na sociedade de destino, os quais desafiam a teoria econômica tradicional. O período de migração pós-industrial, surgido durante a década de 60, marcou seu início pela ampliação da diversidade entre as regiões receptoras e expulsoras de população, além da mudança da reserva de mão-de-obra migrante, que antes se encontrava na Europa e agora aflui dos países emergentes (Castles e Miller, 1993).

A abordagem teórica adotada para explicar as migrações internacionais nos últimos 50 anos não mais parece adequada para as atuais características do fenômeno, e os estudiosos passaram a questionar as duas bases sobre as quais os modelos precedentes foram construídos. No nível micro, o questionamento se refere ao conceito de atores racionais que respondem às diferenças econômicas entre países. No nível macro, o problema está no modelo de atração e expulsão, o qual vê a migração como um fator de equilíbrio entre demanda e oferta de trabalho. Apesar do vigor que ainda demonstra, o aparato conceitual da economia neoclássica necessita de ajustes que flexibilizem a primazia dos motivos econômicos.

Sobrepondo-se simultaneamente aos mecanismos de mercado e aos processos de decisão para migrar, o conceito de capital social oferece respostas baseadas na visão conjunta dos níveis macro e micro, incorporando vários elementos teóricos de correntes de pensamento que concorrem ou se complementam. Nas páginas seguintes demonstraremos a aplicabilidade dessa idéia e justificaremos seu poder explicativo na análise do caso brasileiro.

A teoria econômica mais citada e questionada nesse campo, a perspectiva neoclássica, considera a migração como resultado de decisões individuais, nas quais a motivação para emigrar decorre da avaliação feita por atores racionais que buscam as maiores vantagens. O indivíduo migra porque espera um retorno financeiro que supere os gastos com a mudança e com investimentos em capital humano. Dessa forma, ao aumento da renda no destino deveria corresponder o aumento do volume migratório e vice-versa. No entanto, essa visão não obedece à realidade: sem qualquer aumento do nível salarial nos países desenvolvidos, o número de candidatos à migração internacional tem aumentado de forma consistente. Na verdade, "(...) durante as últimas duas décadas a média salarial nos Estados Unidos declinou em termos reais, enquanto que a imigração tem se expandido" (Massey et al, 1998; p. 9).

Uma conseqüência lógica da idéia de que migração resulta da desigualdade entre países é que o volume da migração internacional seria diretamente proporcional à medida de diferença socioeconômica entre eles. Se fosse verdade, haveria mais países na categoria de "origem" do que vemos hoje. De fato, alguns poucos países são responsáveis pela grande maioria dos fluxos migratórios internacionais, e não são as nações mais pobres nem as menos desenvolvidas. Essa teoria parece explicar mais o potencial para migrar do que os

fluxos reais, já que desconsidera outras dimensões do processo que não a econômica. Além de apresentar uma deficiência importante na utilização de critérios analíticos, o modelo da escolha racional necessita de sua contraparte no nível macro, a teoria da atração e expulsão, que sofre questionamentos semelhantes.

Apesar de sempre figurar na posição de alvo para os que estudam migração internacional contemporânea, a teoria do *push and pull* é uma importante referência quando organizamos o instrumental técnico para a análise desse tipo de movimento populacional. Os fatores de atração e expulsão sempre constituirão elementos fundamentais na explicação do processo migratório em nível macro e devem ser buscados pela sua potencialidade de correlação. O determinismo econômico em que esse modelo se baseia, entretanto, deve ser propriamente relativizado.

A explicação dos movimentos migratórios internacionais, segundo esse modelo, deve ser encontrada na desigualdade econômica entre os países. Nessa perspectiva, o aumento da demanda por trabalhadores e a melhor remuneração nos países industrializados constituem os principais fatores de atração; pobreza, altos níveis de desemprego e salários mais baixos, por outro lado, estão relacionados aos fatores de expulsão. Dessa forma, a migração atuaria como um elemento de equilíbrio socioeconômico entre os países de origem e destino dos fluxos.

A aplicação paradigmática dessa teoria é creditada a Thomas Brinley (1973), que estudou as grandes ondas migratórias do período industrial. Ele mostrou a associação entre as oscilações na economia britânica e a sucessão de grupos emigrantes que chegavam aos Estados Unidos, explicando a mobilidade da população pelos fatores de atração e expulsão que se alternavam nos dois extremos do fluxo. Dentre os fatores de expulsão, as crises no mercado de trabalho nos países pobres tornaram-se um incentivo crônico para a migração e, em certa medida, descolados de ciclos econômicos, funcionando como catalisador da migração até os dias atuais (Massey et al, 1998). Quanto ao principal fator de atração - os programas de recrutamento - a mudança observada atualmente justifica uma intervenção nesse aparato teórico. Além de terem interrompido tais programas, os países de destino atualmente tentam regular o afluxo de imigrantes por intermédio de políticas de admissão restritivas, fato mais raro no período industrial. Dessa forma, o controle fronteiriço e as políticas restritivas, ao impedirem a livre circulação da força de trabalho, reduzem a aplicabilidade desse modelo econômico de análise.

Embora o controle de fronteiras e as políticas restritivas diminuam, de fato, o fluxo de imigrantes, as barreiras nunca são totalmente efetivas e por determinados canais se avoluma o número de entradas, sempre superior às expectativas depositadas nas políticas imigratórias dos governos. Podemos dizer, então, que a teoria da atração e expulsão concentra-se em padrões e processos migratórios que ocorreriam na ausência de obstáculos legais e políticos ou de redes migratórias que burlam o esquema institucional. No atual contexto, entretanto, consideramos que a distância entre o potencial e a realização do ato de migrar é medida também por estruturas sociopolíticas nacionais e transnacionais (Massey et al, 1998).

O início dos maiores fluxos migratórios de longa distância de trabalhadores brasileiros poderia, a princípio, ser explicado por essa teoria. A crise econômica que diminuiu as expectativas de ascensão, ou mesmo de manutenção do *status* social da população brasileira na década de 80, associada ao bom desempenho econômico dos países

desenvolvidos, estimulou a emigração daqueles que perceberam a oportunidade de realizar seus projetos de vida trabalhando em outro país. Essa explicação, entretanto, apenas toca a superfície de processos sociais muito mais complexos, que provocam inúmeras questões relevantes. Quais particularidades do mercado de trabalho na região de destino operam para atrair os migrantes? Por que somente algumas áreas do território nacional apresentam altos índices de emigração? Quais fatores influenciam a distribuição e adaptação da população imigrante? Essas e outras perguntas levaram os estudiosos de migração a formularem novos aparatos conceituais, incorporando abordagens alternativas para o melhor entendimento da migração internacional recente.

Contrapondo-se ao modelo neoclássico, pois desloca o foco da escolha racional para as demandas laborais específicas às sociedades industriais modernas, Piore (1979) propõe a teoria da segmentação do mercado de trabalho. De acordo com esse autor, a migração internacional é causada por uma demanda constante por mão-de-obra pouco qualificada, inerente à estrutura econômica das nações desenvolvidas. Em outras palavras, a imigração não é causada por fatores de expulsão nas sociedades de origem, mas por fatores de atração nas sociedades de destino. A bifurcação no mercado de trabalho seria uma conseqüência do capitalismo moderno, que cria um mercado de trabalho primário que gera empregos com altos salários, ótimos benefícios e boas condições de trabalho, e um secundário, caracterizado por instabilidade, baixos salários e condições de trabalho ruins. Satisfazendo a demanda pelos empregos rejeitados pelos nativos, os imigrantes são recrutados para o setor secundário desse mercado.

Ao utilizar esse modelo para analisar a comunidade de cubanos em Miami, Portes e Bach (1985) mostraram evidências de um terceiro setor que mescla características dos mercados primário e secundário. Denominado de enclave étnico, esse âmbito proporciona retorno financeiro que premia o investimento em capital humano, permitindo uma mobilidade socioeconômica ascendente real, ainda que as condições de trabalho não sejam semelhantes às dos nativos. Não é essa a realidade dos brasileiros no exterior retratada nos trabalhos publicados. Na grande maioria dos casos, os imigrantes assumem os postos no mercado secundário, compensando os baixos salários com jornada dupla ou tripla, mas sem perspectivas de ascensão social no destino (Scudeler, 1995; Sales, 1999; Martes, 1999; Sasaki, 2000; Fusco, 2000). Nem todos os imigrantes formam enclaves étnicos, visto que são necessárias circunstâncias especiais de concentração geográfica e seletividade da população migrante (Logan et al, 1994). No entanto, algumas comunidades brasileiras nos Estados Unidos já comportam uma pequena elite empresarial que empregam os conterrâneos. Com o passar do tempo, é possível que a população imigrante amplie a demanda por produtos culturais ou serviços étnicos, o que favoreceria ainda mais essa mesma população na obtenção de empregos no interior da comunidade.

Mesmo levando em conta a restrição do recorte espacial assumido por esse modelo, pois somente os atributos da região de destino são considerados na análise, seu alcance para a compreensão do caso brasileiro torna-se limitado ao desconsiderar fatores de natureza diferente da econômica. A segmentação do mercado de trabalho pode estimular a migração de forma institucional, como é o caso dos dekasseguis[2] que buscam emprego por meio das agências de recrutamento, ou de maneira informal, pela emergência de nichos

[2] Esse termo corresponde ao indivíduo de ascendência japonesa que migrou ao Japão para trabalhar.

ocupacionais onde os brasileiros ganham espaço, como é o caso da faxina nos Estados Unidos (Martes, 2000). Seja como for, a obtenção de emprego no destino é um desafio para qualquer imigrante, e uma fonte de informações precisa e segura sobre trabalho é um bem inestimável para quem compete em mercado tão específico. Os contatos pessoais no interior ou entre grupos proporcionam o acesso a tais informações, podendo favorecer os membros de redes sociais que tenham a habilidade de utilizar seus mecanismos de apoio. Uma discussão mais detalhada sobre redes sociais, entretanto, será apresentada mais adiante.

Apesar de largamente utilizado pelos estudiosos da migração[3], o modelo de Piore foi inspirado na teoria das *sociedades industriais*, perdendo com isso elementos importantes que emergiram no atual processo de reorganização da economia mundial. Um de seus pilares, o recrutamento ativo da mão-de-obra imigrante, não é mais a força de atração predominante nos países de destino. Segundo Portes (1995; p. 21) a migração internacional contemporânea corresponde ao aumento da integração de sociedades periféricas na economia global e ao crescente interesse dessas populações por oportunidades no exterior. Esse autor concorda com o conceito segmentação do mercado de trabalho e reconhece que a população imigrante ocupa um lugar específico nesse campo, tendo até mesmo utilizado o modelo como citado acima. Entretanto, Portes critica a falta de uma perspectiva mais ampla, que leve em conta as regiões de origem e destino como um sistema, uma vez que a reorganização econômica internacional desequilibra a estrutura própria de cada unidade do sistema global, provocando a migração da força de trabalho. Se, nas primeiras décadas do século passado, grandes contingentes de imigrantes eram recrutados ativamente para dar conta do desenvolvimento industrial emergente, atualmente é a penetração econômica e cultural dos países ricos que estimula a emigração nas nações periféricas (Portes, 1995).

Sassen (1988) desenvolve uma linha de raciocínio semelhante, que liga a reestruturação industrial de países centrais à aceleração de movimentos de saída de trabalhadores dos países periféricos. Segundo essa perspectiva, o movimento do capital industrial em direção às regiões em desenvolvimento, buscando redução de custos na produção e ampliação do mercado consumidor, provoca desorganização na estrutura tradicional da sociedade receptora desse capital, causando o desenraizamento de parte da população; a exposição dessa sociedade aos padrões econômicos e culturais do primeiro mundo estimula o movimento de pessoas na direção inversa.

Ao analisar a migração de países do Caribe e do sudeste Asiático para os Estados Unidos, Sassen (1988) encontra evidências empíricas que corroboram a "teoria dos sistemas mundiais", pois os imigrantes que chegaram aos Estados Unidos partiram de locais onde foram realizados importantes investimentos norte-americanos para o desenvolvimento de indústrias direcionadas à exportação e que utilizam trabalho intensivo. Esse modelo, no entanto, dificilmente ajudaria a explicar o caso brasileiro. Segundo Sales (1999), o Brasil beneficiou-se da entrada de capital estrangeiro para o desenvolvimento de seu parque industrial, mas a mobilização do trabalho que resultou ficou restrita ao território nacional. Martes (1999), afirma que, apesar do volume importante de recursos financeiros que entrou no país, o aporte de investimentos estrangeiros foi inversamente correlacionado à saída de brasileiros. Segundo essa autora, a entrada de investimentos externos no Brasil decresceu

[3] Uma coleção expressiva de testes que utilizaram o modelo da segmentação do mercado de trabalho pode ser encontrada em Massey et al. (1998).

entre 1982 e 1994, período que compreende o início e expansão dos fluxos emigratórios internacionais a partir do Brasil.

Uma forma coerente e lúcida de analisar o surgimento de uma parcela da população disposta a enfrentar os desafios de viver e trabalhar em outras terras pode ser encontrada no trabalho de Sales (1999; p. 30-36). Ao associar as conseqüências de momentos como a crise internacional do petróleo e a maxidesvalorização da moeda nacional em 1979, a moratória do México em 1982, a expectativa gerada com a abertura política em 1985, e as tentativas frustradas de controlar a inflação com planos econômicos ineficientes, o argumento de Sales explicita como um segmento da população fica desiludido com a situação do Brasil e decide buscar melhores oportunidades em outro país. A saída dessas pessoas, no entanto, não ocorre de modo uniforme pelo território brasileiro. Tampouco os locais de destino estão distribuídos de forma proporcional nos países desenvolvidos. Conforme atestam vários trabalhos (Sales, 1999; Assis, 2004; Soares, 2001; Martes, 1999; Fusco, 2000; Sasaki, 1997), as redes migratórias canalizam os fluxos de determinados locais no Brasil para pontos específicos de destino no exterior.

A cidade mineira de Governador Valadares, retratada continuamente como símbolo nacional da emigração, é o melhor exemplo da presença de redes sociais que ligam origem e destino. Em um trabalho anterior pudemos mostrar que a população dessa cidade apresenta uma alta concentração de emigrantes[4], considerando a média estimada para o Brasil (Fusco, 2000). Também foi constatado que alguns poucos locais nos Estados Unidos eram responsáveis pelo maior índice de chegada desses migrantes, com destaque para a região de Boston, Massachusetts. Outros trabalhos mostram conexões semelhantes, como os goianos em São Francisco (Ribeiro, 1999), ou os cariocas em Miami (Capuano, 2003). Esse predomínio de alguns locais sobre outros na participação de deslocamentos internacionais da população, para os quais não se correlacionam forças coercitivas de expulsão ou recrutamento institucional de trabalhadores, explicita a presença de redes migratórias no processo.

O papel das redes sociais na migração internacional absorveu grande atenção dos pesquisadores que criticam a perspectiva neoclássica (Massey e Espinosa, 1997; Portes, 1995; Tilly, 1990; Boyd, 1989; Massey et al, 1987). Caracterizada, geralmente, de forma diferente dos condicionantes que provocam o início dos fluxos migratórios, as *social networks* estão atreladas à manutenção e à expansão do movimento. Segundo Massey (1998, p. 42):

"Embora os diferenciais de renda, a diversificação de riscos, os esforços de recrutamento e a penetração do mercado possam continuar a estimular o movimento das pessoas, novas condições que surgem no curso da migração parecem funcionar como causas independentes: as redes migratórias se expandem, instituições que apóiam o movimento transnacional se desenvolvem, e o significado social do trabalho muda nas sociedades de destino. A conseqüência usual dessas transformações é a ampliação dos fluxos, levando à perpetuação da migração internacional através do tempo e do espaço".

[4] A primeira fase da pesquisa de campo revelou que 6,7% da população urbana de Governador Valadares tinham experiência migratória internacional, enquanto que a média nacional era de 1,5%.

As redes migratórias são constituídas por laços que conectam migrantes, migrantes pioneiros e migrantes em potencial nas áreas de origem e destino por meio de relações de parentesco, amizade e origem comum (Massey et al, 1998). De acordo com Portes (1995, p. 8), as redes são importantes na vida econômica porque são fontes para aquisição de meios escassos, como capital e informação, e porque simultaneamente impõem constrangimentos efetivos à busca de metas pessoais. Ou seja, os mecanismos que operam nas captações de recursos, realizadas por intermédio de conexões sociais, facilitam o projeto de migrar e a adaptação no destino, ao mesmo tempo em que submete e limita o imigrante ao código social próprio da comunidade em que está inserido. No entanto, apesar da crescente utilização dos termos que representam as estruturas reticulares, pelas quais transitam bens de diversos tipos, o conceito de redes tem passado por questionamentos que buscam aperfeiçoá-lo.

Soares (2002) reconhece a importância das redes ao revisar vários estudos sobre migração internacional, mas reclama que os discursos não passam de uma representação metafórica de redes sociais, e que existe certa sinonímia entre os conceitos de rede social, rede pessoal e rede migratória. Uma outra crítica incide diretamente na metodologia de análise utilizada por Douglas Massey (1987), pelo fato de que este autor utiliza atributos individuais para estudar os mecanismos de uma estrutura (rede). No que se refere ao questionamento da precisão do termo, consideramos que sua utilização não tem comprometido as análises realizadas, já que tais trabalhos o empregam no intuito de expressar as conexões sociais existentes no processo migratório. Os termos rede social e capital social são, de fato, metáforas: o primeiro é uma metáfora sobre forma e o segundo sobre vantagem. Existe, também, certa sinonímia entre os conceitos, uma vez que essa expressão também relaciona termos de conteúdo próximo: rede pessoal e rede migratória são tipos de rede social, como afirma o próprio autor (Soares, 2002; p. 39). Ao tentar diferenciar rede pessoal de rede migratória pelo distanciamento temporal – a rede pessoal precede a migração e é adaptada a ela – Soares acaba por demonstrar o trânsito estreito entre esses conceitos. Um exemplo claro seria a rede pessoal ou migratória de um brasileiro vivendo no exterior: em sua rotina de trabalho e de convivência comunitária no destino é sua rede pessoal que está em foco; se o mesmo indivíduo, utilizando seus laços com a origem, facilita a chegada de um novo migrante ou prepara as condições para seu retorno, passamos a falar em rede migratória. Não existe, portanto, uma transformação real de rede pessoal em rede migratória. O mesmo conjunto de relações sociais que fazem parte do cotidiano de qualquer indivíduo ou grupo pode ser utilizado na transferência de recursos que alterem a decisão de migrar, mas nesse caso adotamos o termo "rede migratória".

Com relação à crítica sobre a metodologia adotada por Massey, Soares (2002; p. 24) argumenta que a simples agregação de atributos não pode dar conta das propriedades que emergem das relações. Os atributos, afirma o autor, são inerentes à unidade e não consideram as relações dessa mesma unidade com outras, nem com o contexto social no qual são observados. Mas quando analisamos a posição dos atores na estrutura das redes, os atributos individuais são importantes, tais como os papéis de gênero (sexo), a geração do migrante (idade), a influência do poder econômico (renda) etc. A incorporação de alguns desses atributos em análises do próprio autor (Soares, 1995; 2002) acaba por demonstrar a relevância de certos predicados. O que certamente não se confunde é a análise das redes com a caracterização dos agentes.

Outros problemas referentes à conceituação de redes sociais podem ainda ser mencionados. Em primeiro lugar podemos citar a idealização da comunidade, e as relações que emergem nesse espaço, consoante à concepção dominante de sociedade camponesa na literatura sobre desenvolvimento. As redes sociais são aceitas como resultado de laços humanos universais (Massey et al, 1987) ou de relacionamentos afetivos circunscritos localmente, governados por normas informais de reciprocidade e apoiadas em interações pessoais freqüentes. Em segundo lugar, espera-se que as redes ampliem as oportunidades de migração por toda a comunidade, chegando a ponto de proporcionar acesso geral a todos os membros (Caces et al, 1985; Massey et al, 1987). Consideramos essa perspectiva inadequada, uma vez que, com relação ao primeiro caso, o conceito não deve ficar limitado às interações sociais cotidianas e de conexão direta no interior de uma comunidade, pois, na prática, ele inclui contatos sociais indiretos mantidos e utilizados mesmo através de grandes distâncias. Depois, parece evidente que o acesso às oportunidades para migrar não é disponibilizado de forma homogênea numa comunidade, pois as redes podem se tornar mais seletivas e competitivas enquanto se expandem (Lindquist,1993).

Essas questões pontuais estão longe de esgotar a discussão que se engendra para aperfeiçoar o conceito de redes e descrever seus mecanismos, mas elas são suficientes para evidenciar o necessário aprimoramento para sua utilização neste estudo de caso. Nossa intenção aqui é mostrar que os estudos sobre migração internacional de brasileiros, especificamente para os Estados Unidos, são apoiados por um instrumental mais eficiente quando trazemos o foco para os laços que formam a rede e para os recursos que transitam por esses laços, o capital social.

As relações sociais, como os laços que conectam as pessoas em grupos, constituem o esqueleto da rede social. É por meio destas relações que os atores ligam seus recursos e necessidades a estruturas de oportunidades. Esse modo de análise conecta dois grupos de abordagens distintas, daí sua importância como conector intermediário. De acordo com as abordagens de escolha racional, decisões de migrar ou ficar são inevitavelmente tomadas por atores individuais ou coletivos, tais como domicílios que pesam os custos e benefícios envolvidos (Borjas, 1989). As teorias dos sistemas migratórios, por sua vez, enfatizam que estas decisões são sempre tomadas dentro de contextos econômicos, políticos e culturais específicos, cristalizados em estruturas de oportunidades maiores, tais como diferenciais de salário, recrutamento de trabalhadores e crises econômicas (Sassen, 1988). Como recurso para diferenciação, podemos classificar as conexões que unem os atores e suas estratégias aos quadros de oportunidades em laços sociais e simbólicos.

Os laços sociais são caracterizados como conjuntos ordenados de negociações interpessoais, às quais os participantes adicionam interesses compartilhados, obrigações, expectativas e normas, que são condicionados pela natureza estrutural dessas relações. Podemos citar como exemplo os laços sociais constituídos em conversas informais como encontros em bares, em negociações formais como em relações de autoridade, ou as relações baseadas em ligações biológicas, como é evidente em grupos de parentes (Wasserman e Faust, 1994). Os laços sociais se distinguem em várias dimensões, dentre as quais podemos citar: a força dos laços, o tamanho do grupo no qual eles são encontrados, a densidade dos laços numa rede e a centralidade dos atores, a qual indica autoridade e orientações relevantes de ação.

Os laços sociais podem ser diferenciados inicialmente de acordo com sua força. Granovetter (1973) foi o primeiro a realmente formular uma teoria sobre esse assunto. Em seu artigo pioneiro "A força dos laços fracos", ele classifica o vigor da conexão como uma função da duração do relacionamento, da intensidade emocional, da intimidade entre os atores e da troca passada de favores. Laços fortes são caracterizados por negociações intensas entre os participantes: são duradouros e envolvem obrigações e emoções. Eles podem ser facilmente encontrados em instituições pequenas, claramente definidas, como domicílios, grupos de parentes e organizações coletivas. O capital social na forma de obrigações e expectativas recíprocas emerge predominantemente em estruturas de laços fortes. Por contraste, laços fracos são definidos principalmente por relações indiretas, pois indicam geralmente contato pessoal pouco freqüente ou mais superficial. Negociações entre "amigos de amigos" configuram um bom termo para expressar os laços fracos. Seria falacioso, entretanto, considerar os laços fracos como uma categoria inferior para a circulação dos recursos sociais, pois esses laços freqüentemente estabelecem pontos estratégicos na obtenção de importantes recursos além da esfera imediata de relações próximas, tais como informações sobre empregos (Granovetter, 1983). Considerando a migração, algo semelhante pode ser dito sobre migrantes potenciais que são capazes de estabelecer laços com o país de destino por intermédio de migrantes retornados. É plausível, portanto, assumir que os laços fracos são úteis principalmente pela difusão de informação, uma vez que eles estabelecem ligações no interior e entre as redes.

Em contraste com os laços sociais, os laços simbólicos não são, necessariamente, uma série contínua de negociações, pois podem ser mobilizados mesmo na ausência de contato direto prévio, sendo baseados na identidade presumida dos participantes. São conexões percebidas tanto face a face como indiretamente, às quais os participantes adicionam significados compartilhados, memórias, expectativas futuras e representações. Os laços simbólicos podem ir além das relações diretas, envolvendo os membros de uma mesma religião, língua, etnicidade ou grupo nacional, como é o caso das "comunidades imaginárias" (Anderson, 1983) que dependem fortemente da existência de laços simbólicos. Uma das principais funções dos laços simbólicos nessas comunidades é integrar uma população de estrangeiros, que de outra forma ficaria invisível. Em consonância com essa condição, Margolis (1994) descreve a comunidade "invisível" dos brasileiros em Nova York, devido à falta de um espírito comunitário entre os brazucas[5].

As instituições religiosas representam para as comunidades carentes o tipo mais importante de instituição social civil que se baseia em laços simbólicos (Saegert et al, 2001). Elas têm historicamente ajudado a manter famílias e a vida comunitária, ou seja, elas têm ajudado pessoas em condições adversas a viver melhor. As igrejas nos Estados Unidos também ajudam a melhorar as condições dos imigrantes brasileiros, pois se apresentam como espaço seguro para solidariedade, amizade e confiança (Martes, 2000). Mas as comunidades religiosas dividem essa tarefa com grupos mais restritos, não institucionais, da população migrante.

Os fluxos migratórios tendem a se expandir principalmente quando informações e outros recursos transbordam para redes e grupos mais amplos. No interior de grupos de parentes o potencial para migrantes é geralmente esgotado de forma rápida, devido ao

[5] Utilizamos o termo "brazuca" para caracterizar o migrante brasileiro nos Estados Unidos.

tamanho limitado do grupo. Indicado como determinante em alguns estudos (Massey et al, 1987; Faist, 2000), o extravasamento do alcance dos laços para além do estreito sistema de parentesco faz-se necessário para que a migração em cadeia deslanche. Freqüentemente os laços envolvidos não são somente sociais, mas também simbólicos, especialmente entre comunidades de imigrantes.

Laços sociais e simbólicos entre atores sociais sustentam a transferência de importantes recursos que são denominados de capital social. Revisando a literatura sobre capital social, verificamos que alguns o consideram como um recurso a ser empregado por indivíduos (Bourdieu, 1983), enquanto outros entendem que capital social está incorporado em redes de cooperação e normas de reciprocidade (Putnam 1993; Portes, 1995). Quando combinamos essas duas interpretações podemos usar o capital social como uma ferramenta analítica para estabelecer uma perspectiva de nível intermediário: o capital social configura-se como o conjunto de recursos que ajudam pessoas ou grupos a atingirem suas metas, o qual é inerente aos laços sociais e simbólicos que permitem aos atores cooperar em redes e organizações, servindo como um mecanismo de integração de grupos sociais e comunidades simbólicas (Faist, 2000). O capital social, portanto, tem dois aspectos. Em primeiro lugar, é um recurso para atores individuais ou coletivos. Isto significa que o capital social pode ser uma fonte preciosa para pessoas que têm acesso a recursos específicos. Segundo, o capital social está relacionado a um aspecto da estrutura social que facilita a cooperação e integração. Capital social é um bem coletivo, embora os benefícios possam ser usados individualmente. Assim, o capital social serve tanto para conectar pessoas a redes, grupos e organizações pelos laços sociais e simbólicos, como também para a manutenção da integridade dos grupos, por meio dos códigos sociais que permeiam esses mesmos laços.

A importância dos laços que mantém unidas as comunidades étnicas nos Estados Unidos é um tema de destaque para Alejandro Portes. Este autor afirma que os imigrantes que chegam àquele país desde o século XIX têm sido reconhecidos pela solidariedade existente entre seus membros e pelo sucesso em promover suas empresas. Este modelo, segundo Portes, se mantém até hoje, com base em forças similares. Dada a desvalorização de suas habilidades e de sua educação no mercado de trabalho do país de destino e em face da permanente discriminação dos nativos, os imigrantes têm poucos recursos, exceto o de se agregarem, para obterem apoio moral e sobrevivência econômica (Portes, 1995). Desse modo, as habilidades que mais contam para os imigrantes são aquelas relacionadas à mobilização dos recursos que circulam pelas redes nas quais estão inseridos.

Do ponto de vista das coletividades, a função mais importante do capital social é reduzir os custos de negociações e facilitar a cooperação. Em economias institucionais, custo de negociação significa o custo de fazer um acordo, monitorar seus termos e implementá-lo (Williamson, 1981). Estes custos referem-se às expensas da própria troca, tais como a coleta de informações sobre parceiros de negociação e sobre o bem ou serviço que é trocado, mais os custos de se estabelecer um acordo e de monitorar sua implementação, além dos custos reais de implementação do acordo. Custos de negociação existem porque a racionalidade do ser humano está ligada ao tempo e esforço de coletar e processar informações, em contextos de incerteza (Wang, 2003). A saída do local de origem combinada com a adaptação no destino é um caso particularmente interessante para a análise dos custos de transação porque o processo de se mudar, no contexto

contemporâneo Sul-Norte, reforça as tendências de enfraquecimento de laços de parentesco, origem comum, e muitos outros. Em princípio, movimentos internacionais ameaçam romper ou enfraquecer laços sociais e simbólicos.

O caso dos Dominicanos em Boston, que está longe de ser único, é um bom contra-argumento para essa idéia. Apesar das previsões de que os laços com a origem se enfraquecem ao passo que os imigrantes se adaptam no destino, foi verificado um aumento gradual do número de conexões que eles desenvolviam com a comunidade que ficou para trás (Levitt, 1998). A proliferação desses laços transnacionais desafia a corrente teórica da assimilação dos imigrantes no país receptor e a noção convencional sobre o impacto da migração no modo de vida do país de origem. Embora o envolvimento contínuo dos migrantes com afazeres na origem não seja um fato novo, a facilidade para viajar, o desenvolvimento tecnológico, e outros fatores dessa natureza, tornam essas ligações mais fortes e duráveis que no passado.

Antes de analisarmos o conteúdo do capital social, devemos definir e descrever quais os mecanismos operantes nos laços sociais e simbólicos que facilitam a cooperação e integram os grupos. O capital social não é um investimento consciente, mas um subproduto de negociações e de representações coletivas. Se disponível, pode contribuir para superar problemas porque diminui os custos de negociação pelas características próprias da estrutura em que se cristalizam as redes de relacionamento. Seus recursos ajudam a superar problemas de cooperação porque existem obrigações de reciprocidade como uma norma social e a solidariedade no interior de comunidades simbólicas. Embora se refiram a áreas racionais, normatizadas e expressivas de ação, não existe uma oposição simples entre essas áreas de comportamento. Na verdade, o conjunto toca diferentes aspectos analíticos da ação (Faist, 2000).

Quando falamos da obrigação de retribuição como um comportamento padrão nas trocas sociais, nos referimos às expectativas mútuas entre atores, associadas a laços sociais específicos e baseadas em trocas e serviços realizados no passado. Para efeito de comparação, o princípio de troca em relações entre pessoas é mais bem representado por negociações de mercado. Os preços, a alocação de recursos escassos e a distribuição da produção podem ser explicados pela maximização racional da utilidade pelos atores econômicos em relação ao custo monetário. Entretanto, não é consenso a que extensão esta abordagem pode ser aplicada a um tema mais amplo da vida social. O sucesso da teoria econômica depende da existência de uma moeda explícita no mercado de troca, disponível e interpretável tanto para o migrante em potencial quanto para o pesquisador. Diversas moedas como felicidade, prestígio, influência e poder têm sido mostradas como moedas não-econômicas funcionalmente equivalentes (Zafirovsky, 2003). Mas estes objetivos estão freqüentemente competindo entre si e nós precisamos saber mais sobre como os valores fundamentais são priorizados pelos atores relevantes. Além disso, o ato de troca entre indivíduos pode também ser visto como um efeito, mais do que uma causa de característica social, porque relações de troca dependem de um mínimo de confiança informal e de obediência às leis formais.

Apesar de tudo, podemos usar informalmente o vocabulário mercadológico para descrever as características de obrigações baseadas na troca: no curso das negociações entre migrantes, agenciadores e aqueles que ficaram na origem, todos os atores acumulam depósitos de capital social que são baseados em serviços mútuos realizados no passado, por

meio de laços sociais diretos e fortes. Se "A" faz algo para "B" e confia que "B" vai retribuir no futuro, isso leva "A" a esperar que "B" faça alguma coisa e "B" a retribuir a confiança. Esta obrigação pode ser interpretada como um "vale" que "A" tem para ser reclamado por intermédio de uma ação de "B" no futuro, tal como um serviço. Este argumento assume que as pessoas agem não somente com base nas relações passadas, mas também como se o futuro retorno do favor estivesse operando já no presente (Degenne e Forsé, 1999). Dois elementos parecem ser cruciais para expectativas e obrigações funcionarem como capital social: o grau de confiança nos outros atores e as trocas de bens, materiais ou não, realizadas no passado (Faist, 2000). Pessoas numa rede ou grupo distinguem-se de acordo com quantos desses vales de obrigações elas têm. Quanto maior o número de vales, maior a quantidade de capital social disponível, ainda que os vales não sejam facilmente intercambiáveis como títulos monetários.

Além disso, os vales não são sempre usados para pagar um com o outro: não existe necessariamente uma completa reciprocidade de favores. Pessoas envolvidas em ajudar migrantes internacionais a viajar, encontrar trabalho e moradia, podem também esperar benefícios materiais, como dinheiro, e não-materiais, como *status* social. Migrantes, retornados e agenciadores trocam favores, informação, aprovação do grupo e outros elementos valiosos. No decorrer da transação social, os migrantes, os não-migrantes e os facilitadores acumulam ainda mais estoques baseados em favores prévios para outros (Faist, 2000).

A reciprocidade como norma social pode também ser verificada quando o que uma parte recebe da outra requer algum tipo de retorno mais específico. Apesar de vários trabalhos apresentarem *insights* sobre essa norma, pouca atenção tem sido dedicada a como esse mecanismo é ativado (Malhota, 2004). Geralmente a reciprocidade se refere a trocas de valores aproximados nas quais as ações de cada parte são também baseadas em ações prévias de outros, de forma que um bem é retribuído com um bem e um mal com um mal (Huck e Tyran, 2003). A norma de reciprocidade é uma dimensão importante e um mecanismo associado ao capital social porque as obrigações não são sempre claras, pois pode haver situações nas quais significados múltiplos são adicionados: "sendo indeterminada, a norma pode ser aplicada a incontáveis e impensáveis negociações, proporcionando um padrão moral flexível para negociações, que de outra maneira não poderia ser regulada por obrigações específicas" (Gouldner, 1960; p. 170). No entanto, alguns autores afirmam que para ser acionada a ação baseada em reciprocidade, o nível de confiança entre os atores deve superar a expectativa de retribuição (Song, 2004).

Podemos diferenciar a idéia de reciprocidade entre específica e geral. A reciprocidade específica corresponde a situações nas quais parceiros específicos trocam itens de valor equivalente numa seqüência estritamente delimitada. Se existirem quaisquer obrigações, elas são explicitadas claramente em termos de direitos e deveres de um ator particular. A reciprocidade geral significa que a equivalência é menos precisa; os parceiros de alguém podem ser vistos como um grupo numa comunidade ou país, mais do que atores particulares, e a seqüência de eventos não é tão rigidamente delimitada, pois envolve a adequação a padrões de comportamento aceitos de forma mais geral: enquanto a reciprocidade específica requer um equilíbrio bilateral entre atores particulares, a reciprocidade geral enfatiza um balanço no interior do grupo. As obrigações de reciprocidade não precisam ser buscadas por meio da retribuição de favores diretamente a

quem deu um benefício, sinalizando seu potencial para a ampliação além dos limites estreitos do grupo. Uma forma ainda mais altruísta de reciprocidade é a "dádiva" (Mauss, 2001), por onde a transferência ocorre segundo a vontade de quem dá, sem uma prévia estipulação das obrigações do recebedor.

Para ilustrar essas características de reciprocidade podemos imaginar alguém de determinado bairro de Governador Valadares que mudou para Boston e aparece na porta de um conterrâneo para pedir informações de emprego. O que foi favorecido pelo imigrante já estabelecido pode não retribuir o favor ao mesmo indivíduo, mas a outros recém-chegados de seu mesmo bairro; desta vez não para encontrar trabalho, mas lugar para morar. Este é um exemplo particular de reciprocidade geral. Além disso, não há uma retribuição simultânea, mas meses ou anos de intervalo. Os serviços trocados podem não ser os mesmos: o primeiro migrante ajudou o conterrâneo a encontrar emprego, o segundo a encontrar habitação. E o beneficiário da segunda ação não foi o imigrante original, mas um outro do mesmo bairro no Brasil. Além disso, não existe um equilíbrio total da troca em termos de unidade contabilizável. Diversos elementos altamente interdependentes vêm no pacote. Preços não podem ser usados como medida para agregar os vários elementos do contrato, mas podemos considerar que a reciprocidade, como um mecanismo do capital social, reduz os custos de negociação utilizando normas sociais compulsórias.

Uma outra dimensão do capital social é a solidariedade, em grupos que compartilham laços sociais e simbólicos. Portes (1995) considera esse mecanismo como o mais eficiente, pois as sanções coletivas proporcionam a base para a confiança de que o usuário cumprirá suas obrigações. Usamos anteriormente a metáfora do vale para descrever as negociações entre os participantes, mas se olharmos o capital social somente como instrumento de troca, perdemos de vista que a identidade dos parceiros é geralmente inegociável. A solidariedade sinaliza a afiliação dos membros do grupo para o resto do mundo. Quando vistos como dinheiro, os vales reduzem o papel da identidade, individual ou coletiva, pois a facilidade, liquidez e negociabilidade do capital social como instrumento se baseia no fato de que seu valor é independente da identidade coletiva dos participantes envolvidos. Em muitos contextos, entretanto, a identidade desempenha um papel crucial, como em sistemas de parentesco, comunidades e mesmo em comunidades simbólicas, abrangendo desde coletividades religiosas até movimentos sociais.

Com a categoria de identidade social podemos perceber como as comunidades têm definido no campo do imaginário social as possibilidades de ação de seus membros e quais práticas sociais são legítimas. De maneira mais completa, define-se socialização como a internalização de idéias e valores estabelecidos coletivamente e a assimilação de papéis e de comportamentos socialmente desejáveis. Significa, portanto, a incorporação de cada homem a uma identidade maior que a individual: no caso, a incorporação do homem à sociedade. É importante associar de maneira correta a socialização à cultura: esta se encontra profundamente ligada à estrutura social, enquanto que a socialização pode ser resumida à transmissão de padrões culturais.

Representações coletivas proporcionam a consciência comunitária de um grupo ou organização que se refere a uma harmonia de desejo e ação - a base para identidades. As identidades não resultam espontaneamente do pertencimento empírico a uma cultura, nem podem ser imputadas por categorias simples como sexo, raça, religião, etnicidade ou classe. O fato de um grupo de atores se distinguir por um critério categórico simples não é

suficiente para falarmos sobre identidade coletiva (Somers, 1994). Ao contrário, as identidades seriam conseqüência do processo simbólico que retira sua inspiração de um repertório cultural disponível. Numa perspectiva relacional, a identidade é a experiência de um ator em suas categorias de sexo, raça ou classe, por meio de laços sociais e simbólicos, no interior de grupos, organizações ou comunidades simbólicas combinados com uma representação pública daquela experiência. A representação pública freqüentemente tem a forma de uma história ou narrativa compartilhada (Tilly, 1996; p.7).

Normalmente, as obrigações como padrão social de troca são encontradas em laços sociais fracos, enquanto a reciprocidade como norma e a solidariedade requerem laços sociais fortes. Ainda assim, a solidariedade funciona com laços sociais fracos quando atores individuais ou coletivos sentem-se unidos por laços simbólicos de religião, etnia, nacionalidade e outros. Migrantes e não-migrantes, em redes ou coletividades, podem estar conectados por laços simbólicos, caracterizados por relações baseadas em visões de mundo e memórias compartilhadas, ou seja, representações coletivas comuns. Os laços simbólicos que facilitam a solidariedade não são redutíveis a ingredientes individuais, mas são baseados em idéias e crenças elaboradas por uma coletividade. A coesão de grupo pode transcender os laços locais e ainda ser real e concreta (Simmel, 1955).

Outro aspecto do capital social, além dos mecanismos que regulam as transferências realizadas pelos laços sociais e simbólicos, inclui todos aqueles recursos que as pessoas usam para buscarem seus objetivos, agindo do interior de grupos ou de redes. Esse aspecto está vinculado ao valor potencial inerente às relações sociais: "O capital social é a soma dos recursos, reais ou virtuais, que um indivíduo ou grupo acumula pela virtude de possuir uma rede durável de relacionamentos duráveis, mediamente institucionalizados e de reconhecimento mútuo" (Bourdieu e Wacquant, 1992; p. 11).

Os benefícios derivados do capital social incluem a informação de empregos num potencial país de destino, conhecimento sobre transporte, empréstimos para financiar a viagem, contatos para conseguir hospedagem, etc. Em essência, esse aspecto analítico do capital social descreve a maneira pela qual os recursos disponíveis para cada agente estão ligados aos recursos disponíveis para outros, socialmente próximos ao agente. Essa idéia tem sido operacionalizada como o número de pessoas que estão preparadas para ajudar alguém que necessita e a quantidade de capital econômico e humano que essas pessoas podem levantar para servir aos objetivos daquele. A informação derivada de contatos e o controle sobre outros em redes e organizações são outros fatores que podemos adicionar. Estimar a taxa de retorno num investimento em capital social depende do conhecimento dos recursos próprios dos contatos pessoais. O resultado deveria ser óbvio: quanto mais numerosos os laços, mais amplo o alcance da rede pessoal, maiores os recursos daqueles a quem a rede dá acesso, maior o capital próprio, maior a probabilidade de sucesso para o agente (Flap, 1991). Em conclusão, atores individuais e coletivos podem obter três principais benefícios do capital social – acesso a recursos de outros, informações importantes e maior controle sobre outras pessoas.

A possibilidade de acesso a informações direcionadas à demanda dos migrantes é um benefício específico derivado do capital social. Se controlarmos outros fatores, as informações, como um benefício de uma rede grande e heterogênea, ocorrem em maior número do que as de uma rede pequena e homogênea. Quanto maior a densidade de uma rede, maior o potencial para o fluxo de informação. Resumindo, quanto maior, melhor. Mas

o tamanho pode ser uma qualidade ambígua: mais laços podem significar mais exposição de informações valiosas, antecipação da exposição dessas informações e o direcionamento de um número maior de pessoas às oportunidades. Além disso, o crescimento da rede em tamanho sem considerar a diversidade pode prejudicar seu funcionamento de outras maneiras. O que importa é o número de contatos não-redundantes. Os contatos são redundantes no sentido de que levam às mesmas pessoas, proporcionando os mesmos benefícios em informações. Pessoas que se conhecem normalmente tomam conhecimento sobre as mesmas coisas no mesmo período de tempo. Portanto, quanto mais contatos não-redundantes e mais pessoas alcançadas por estes contatos originais, maior o potencial de conseguir informação nova – porque quanto maior o número de laços sociais e simbólicos, maior a probabilidade de encontrar alguém com laços fora do círculo de amigos e parentes – resultando em maior capital social para o ator (Degenne e Forsé, 1999).

Para os laços que são carregados emocionalmente, entretanto, o aumento da eficiência por laços não-redundantes nem sempre importa. Em laços de importância emocional faz mais sentido otimizar por saturação do que por eficiência. A questão de laços não-redundantes torna-se particularmente importante quando olhamos as estruturas de redes que superam os grupos de parentesco. Migrantes se apóiam em laços externos ao parentesco, por exemplo, para conseguir informações sobre a viagem e as condições do destino, como normalmente acontece no caso da migração de caráter clandestino (Massey et al, 1998).

Os recursos cristalizados em laços também ajudam os membros de redes ou grupos a conseguir acesso a mais capital financeiro, humano e social por meio de outras redes (Portes, 1995). Isso depende crucialmente da quantidade e tipo de recursos que aquelas pessoas têm, e de quem pode ser alcançado por laços sociais e simbólicos. Além disso, é importante levar em consideração o número total de pessoas numa rede que estão dispostas ou obrigadas a ajudar quando chamadas – o número de laços sociais e simbólicos (Bourdieu, 1983).

As negociações acontecem sobre os laços, e laços sociais e simbólicos se agrupam em redes onde circula o capital social. Em outras palavras, migrantes ativos e migrantes em potencial usam tanto os recursos disponíveis nas próprias redes quanto os recursos de outros grupos que podem ser obtidos por meio dessas redes.

Além disso, os mecanismos do capital social (reciprocidade, solidariedade) ajudam pessoas a cooperar, facilitando assim a ação coletiva. Grupos sociais e organizações institucionais controlam parcialmente as soluções disponíveis para os vários problemas que podem ser enfrentados com a migração. Isto depende, dentre outras coisas, da especificidade dos vários mecanismos do capital social, ou de como redes e grupos existentes contribuem mais ou menos para a migração ou para a imobilidade. Dessa forma, acreditamos que uma análise mais específica desse processo pode contribuir para compreendermos melhor a configuração e a dinâmica do movimento clandestino de brasileiros para os Estados Unidos. Particularmente, nossa intenção é mostrar como os processos de seletividade, incorporação de novos migrantes, adaptação no destino, e conectividade entre pontos específicos na origem e no destino, estão vinculados à forma de utilização do capital social. Uma vez definida nossa perspectiva de análise para a migração internacional contemporânea, o próximo passo é verificar a possibilidade de aplicação dessa abordagem para os dados e informações que dispomos sobre o movimento de brasileiros para o exterior.

2. CARACTERIZAÇÃO DOS FLUXOS

A Migração internacional de brasileiros é um processo social no qual os atributos dos atores e a dimensão temporal dos fluxos importam muito para uma análise mais detalhada. Neste capítulo apresentamos informações indispensáveis para a caracterização desse movimento, comparando os dados da população amostrada ora com a população total das cidades de origem, ora entre os fluxos em função do país de destino. Nossa intenção é estabelecer as singularidades do movimento em direção aos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que verificamos os fatores comuns a outros estudos afins.

2.1. Perfil da População Entrevistada

A primeira característica distintiva que se nota nos domicílios entrevistados é a maior proporção de indivíduos com experiência migratória em Maringá do que nas outras localidades. A **Tabela 01 e o gráfico 01** mostram que metade dos integrantes dos domicílios visitados em Maringá vive ou viveu no exterior, enquanto que essa proporção cai para 35% em Criciúma e 30% em Governador Valadares. Essa diferença deve-se particularmente ao caráter legal e à presença de recrutadores no movimento em direção ao Japão, o que facilita sobremaneira a inclusão de potenciais migrantes no fluxo. A migração para os Estados Unidos, na qual prevalece a clandestinidade, incorpora os migrantes em potencial por mecanismos oficiosos que atenuam, mas não eliminam os riscos envolvidos.

A distribuição dos indivíduos da amostra segundo o sexo e a condição de presença registra a predominância dos homens, tanto absoluta quanto proporcional, no que se refere à experiência migratória (**Tabela 01**). Podemos notar, contudo, que essa distribuição é mais equilibrada em Maringá do que em Governador Valadares, que por sua vez é menos díspar que Criciúma. A questão de gênero tem um papel central na migração de brasileiros, como foi visto no capítulo anterior. As diferenças encontradas entre os sexos na composição dos fluxos não podem ser imediatamente justificadas por teorias macroeconômicas que generalizam os determinantes de atração e expulsão, pois está claro que homens e mulheres reagem e são incorporados ao movimento em situações diversas. Consideramos que as diferenças encontradas são, em parte, devidas à disponibilidade de capital social circulante, que por sua vez está associada ao estágio de maturação da comunidade brasileira nos Estados Unidos. Valadares é o local de origem mais antigo, o que indica a presença de redes sociais transplantadas há mais tempo que as de Criciúma.

Do mesmo modo que sugerimos em trabalho anterior (Fusco, 2000), percebemos que nos estágios iniciais do processo migratório - ou em fluxos recentes, como em Criciúma – os homens geralmente são os pioneiros, aqueles que enfrentam incertezas e não podem contar

com o apoio de seus iguais no destino; nos locais onde o movimento emigratório apresenta um vínculo mais antigo com alguma comunidade no destino – como a conexão Valadares-Boston – a possibilidade de utilizar o capital social que circula nas redes transplantadas ameniza os percalços do migrante, atraindo um volume maior de mulheres.

Tabela 01

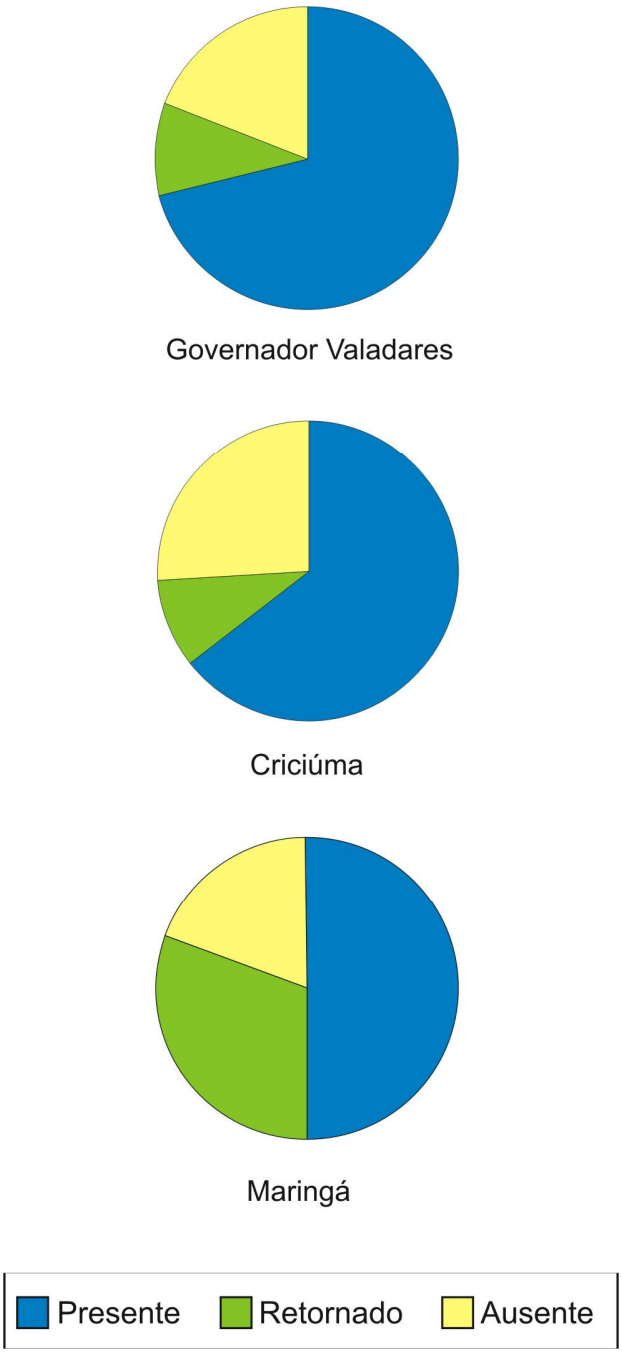
Distribuição relativa dos indivíduos, por sexo, segundo *status* de migração. Governador Valadares, Criciúma e Maringá.

Status	Governador Valadares			Criciúma			Maringá		
	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total
Presente	63,01	78,72	71,10	55,75	73,43	64,55	42,80	56,45	49,74
Retornado	13,46	6,40	9,82	12,63	6,05	9,35	33,55	27,97	30,71
Ausente	23,53	14,88	19,07	31,63	20,53	26,10	23,65	15,58	19,55
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Total (n)	765	813	1578	800	794	1594	757	783	1540

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

Gráfico 01

Proporção de indivíduos segundo *status* de migração, por sexo. Governador Valadares, Criciúma e Maringá.



Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

A comparação da distribuição da população segundo sexo e idade, entre os domicílios com migrantes e a população total dos municípios analisados, permite algumas conjecturas sobre a configuração dos domicílios cujos membros estão envolvidos no processo migratório (**Tabelas 02 e 03, gráficos 02 e 03**). A menor proporção de crianças entre os domicílios da amostra fica evidente pelas pirâmides etárias, principalmente para as cidades de Governador Valadares e Criciúma. A pirâmide da cidade de Maringá apresenta um contorno um tanto irregular, porque utilizamos como universo a população de raça amarela registrada pelo IBGE, já que o universo do *survey* é composto majoritariamente por descendentes de japoneses. Por conta disso nos deparamos com um fato inusitado: a amostra do IBGE registrou 984 indivíduos da raça amarela, enquanto que a amostra do *survey* coletou dados sobre um número maior de indivíduos, totalizando 1540 descendentes de japoneses.

Podemos visualizar claramente o forte estreitamento na base das pirâmides etárias dos migrantes e seus familiares, indicando a reestruturação na composição desses domicílios ou características de configuração domiciliar que condicionam a propensão a migrar. Por meio dos dados das **Tabelas 02 e 03**, pelas quais podemos comparar as diferenças proporcionais entre a distribuição do *survey* e do censo, notamos que as crianças de 0 a 9 anos contabilizadas nos *surveys*, tanto em Governador Valadares como em Criciúma, representam aproximadamente a metade do que foi registrado pelo Censo, enquanto que para Maringá a diferença ficou por volta de 20%. Os adultos com 50 anos ou mais, por outro lado, aparecem mais nos números do *survey* do que nos do Censo: 26% contra 16% em Governador Valadares e 19% contra 13% em Criciúma, indicando uma população mais envelhecida nos domicílios com migrantes; em Maringá essa proporção ficou em 30% para as duas fontes. No que se refere à distribuição por sexo, os resultados do *survey* e do Censo ficaram muito próximos, com uma diferença total máxima de 2%.

Esses dados mostram que a população dos domicílios com migrantes, quando comparados com o universo do Censo, têm proporcionalmente mais adultos e menos crianças, configuração condizente com outros estudos sobre migração internacional (Harbison, 1981; Root e De Jong, 1986). Essa observação, contudo, não reflete da mesma forma o caso de Maringá, onde a população do *survey* é mais semelhante àquela do Censo. Esse contraste sugere que a população relacionada com a migração para o Japão tem uma composição mais assemelhada com o total da população do local de origem, enquanto que os domicílios conectados com a migração aos Estados Unidos apresentam uma diferença importante no que se refere à composição por idade, quando comparados ao total da população das cidades de origem, apontando para diferentes processos de seletividade entre os fluxos.

Tabela 02

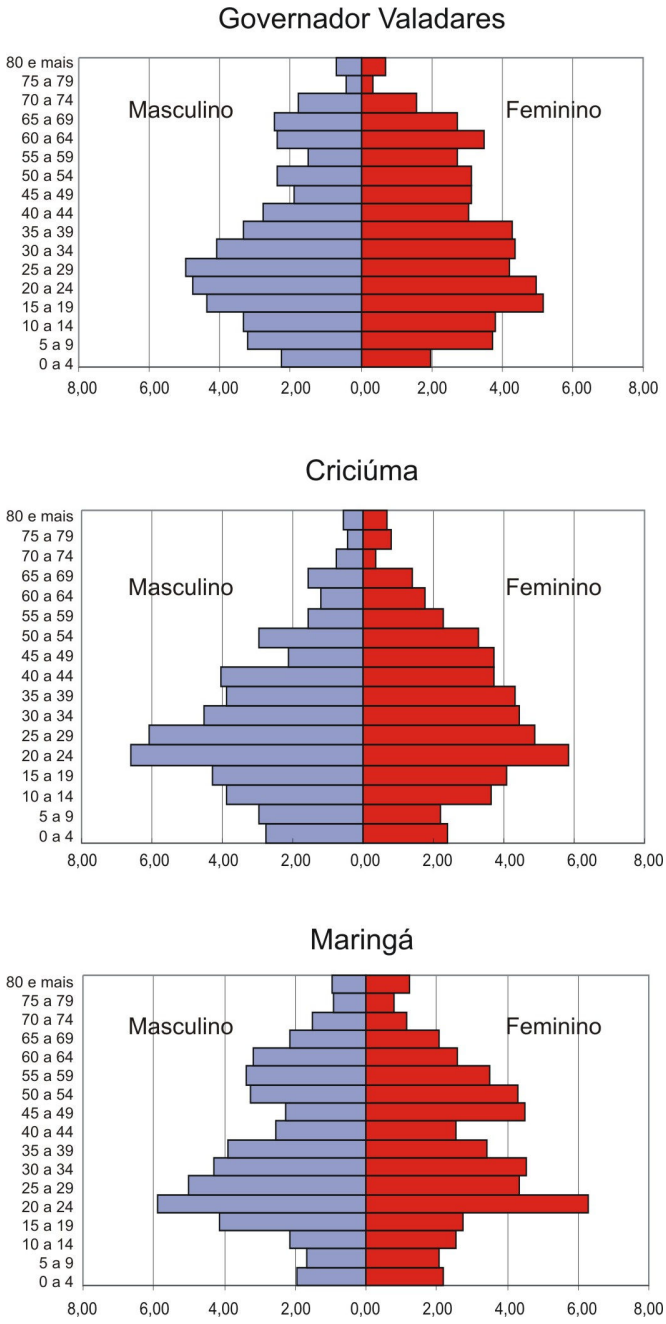
Distribuição relativa da população, por sexo e faixas de idade, nos domicílios com migrantes. Governador Valadares, Criciúma e Maringá.

Faixas de idade	Governador Valadares		Criciúma		Maringá	
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
0 a 4	2,25	1,98	2,76	2,39	1,95	2,21
5 a 9	3,20	3,75	2,95	2,20	1,69	2,08
10 a 14	3,34	3,81	3,89	3,64	2,14	2,53
15 a 19	4,36	5,18	4,27	4,08	4,16	2,73
20 a 24	4,77	4,97	6,60	5,84	5,91	6,30
25 a 29	4,97	4,22	6,09	4,90	5,00	4,35
30 a 34	4,09	4,36	4,52	4,46	4,29	4,55
35 a 39	3,34	4,29	3,89	4,33	3,90	3,44
40 a 44	2,79	3,07	4,02	3,71	2,53	2,53
45 a 49	1,91	3,13	2,14	3,71	2,27	4,48
50 a 54	2,38	3,13	2,95	3,27	3,25	4,29
55 a 59	1,50	2,72	1,57	2,26	3,38	3,51
60 a 64	2,38	3,47	1,19	1,76	3,18	2,60
65 a 69	2,45	2,72	1,57	1,38	2,14	2,08
70 a 74	1,77	1,57	0,75	0,38	1,49	1,17
75 a 79	0,41	0,34	0,44	0,82	0,91	0,78
80 e mais	0,68	0,68	0,57	0,69	0,97	1,23
Total (%)	46,59	53,41	50,19	49,81	49,16	50,84
Total (N)		1468		1592		1540

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

Gráfico 02

Estrutura etária dos domicílios com migrantes, por faixas de idade e sexo. Governador Valadares, Criciúma e Maringá.



Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

Tabela 03

Distribuição relativa da população total, por sexo e faixas de idade. Governador Valadares, Criciúma e Maringá.

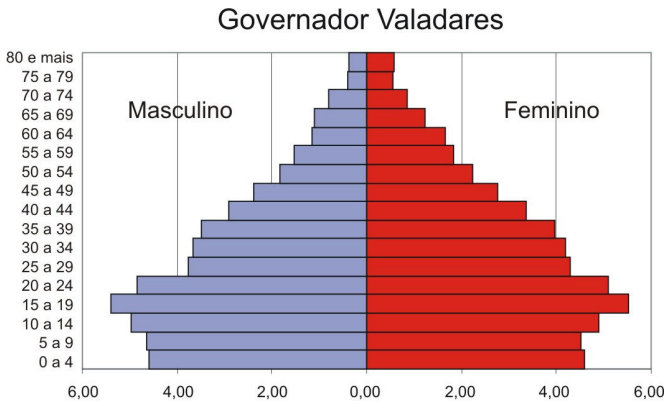
Faixas de idade	Governador Valadares		Criciúma		Maringá	
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
0 a 4	4,60	4,60	4,38	4,20	2,99	2,21
5 a 9	4,66	4,52	4,82	4,55	2,54	2,81
10 a 14	4,98	4,89	5,30	5,07	4,42	2,96
15 a 19	5,40	5,53	5,43	5,23	4,17	4,64
20 a 24	4,83	5,11	4,31	4,33	2,42	4,34
25 a 29	3,75	4,30	3,65	3,88	2,18	4,83
30 a 34	3,67	4,19	4,10	4,33	3,87	4,49
35 a 39	3,49	3,96	4,36	4,65	3,49	2,96
40 a 44	2,91	3,35	3,74	3,93	3,35	3,08
45 a 49	2,39	2,77	2,89	3,00	3,51	4,00
50 a 54	1,84	2,24	1,99	2,26	2,47	3,92
55 a 59	1,53	1,83	1,40	1,54	3,04	3,70
60 a 64	1,16	1,65	1,04	1,23	2,87	2,10
65 a 69	1,09	1,23	0,80	0,96	2,27	2,46
70 a 74	0,79	0,86	0,51	0,65	1,85	1,63
75 a 79	0,39	0,54	0,32	0,48	1,03	0,73
80 e mais	0,37	0,58	0,23	0,44	1,26	1,45
Total (%)	**47,86**	**52,14**	**49,27**	**50,73**	**47,70**	**52,30**
Total (N)	**246.897**		**170.322**		**288.465**	

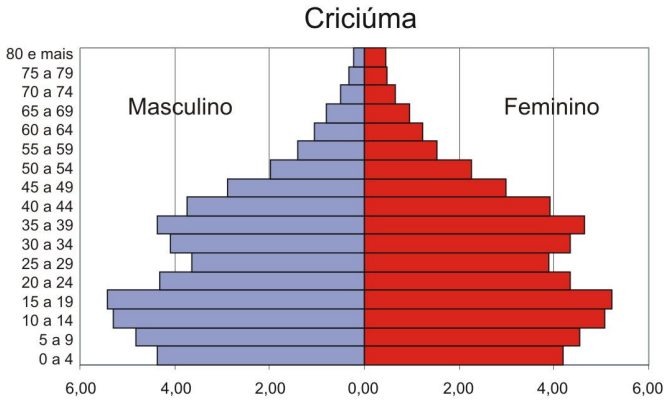
Fonte: FIBGE, Censo Demográfico 2000.

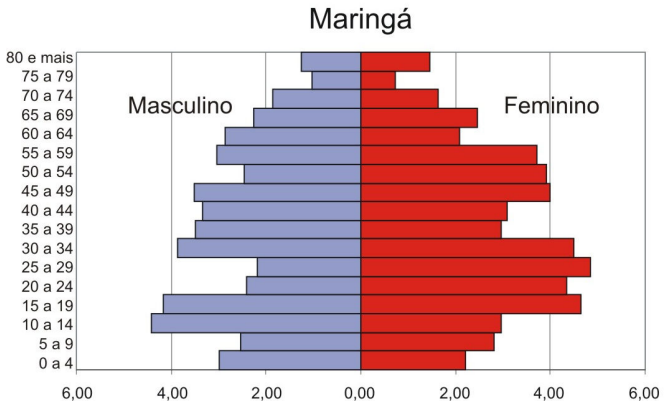
Gráfico 03

Estrutura etária da população total, por faixas de idade e sexo.

Governador Valadares, Criciúma e Maringá.







Fonte: FIBGE, Censo Demográfico 2000.

Em conjunto com a distribuição da população segundo sexo e idade, a composição dos domicílios com migrantes pode ser ainda analisada segundo a relação do membro com o responsável pelo domicílio. Os dados da **Tabela 04** abaixo mostram que, em Governador Valadares, 20% são "chefes", 14% são cônjuges, 51% são filhos e os outros parentes perfazem 15%; em Criciúma essas proporções são 25%, 18%, 45% e 12%, respectivamente. A configuração de pai, mãe e filho/a é o arranjo domiciliar predominante, mas, outra vez, podemos apontar para uma diferença importante com relação à população total das cidades de origem dos fluxos: os domicílios com migrantes têm em sua composição muito mais indivíduos na categoria "outros parentes". Essa característica pode indicar que domicílios com famílias "extensas" apresentam maior potencial para migração, em virtude da maior disponibilidade de seus membros para diversificar as fontes de renda e atenuar riscos, conforme a doutrina dos novos economistas da migração (Taylor, 1987; Stark, 1991).

Tabela 04

Distribuição relativa da população, nos domicílios com migrantes, segundo condição no domicílio. Governador Valadares e Criciúma.

Condição	Governador Valadares	Criciúma
Responsável	19,64	24,28
Cônjuge	13,93	18,24
Filho/a	50,74	45,28
Outro parente	15,03	11,95
Empregado/pens.	0,66	0,25
Total (%)	**100,00**	**100,00**
Total (N)	**1.599**	**1.590**

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

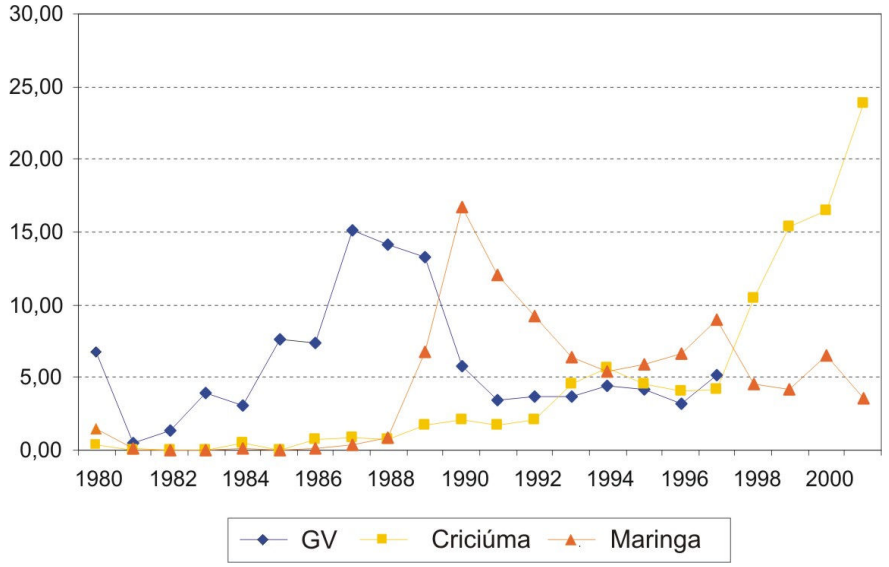
2.2. Dinâmica Temporal

Do ponto de vista das cidades de origem, a dinâmica dos fluxos analisados varia muito em função do ano de saída do migrante. Podemos visualizar, no Gráfico 04, momentos de aceleração, clímax e desaceleração dos movimentos em direção ao exterior. Os três fluxos registram saídas esporádicas desde a década de 60, mas, por praticidade, esses números foram contabilizados de forma cumulativa no ano de 1980, a partir do qual as saídas foram anotadas anualmente [6].

Governador Valadares é o local de origem que tem o fluxo migratório mais antigo. Podemos perceber a curva de aceleração durante a década de 80 e o momento quando o movimento atingiu seu ápice, nos anos de 87, 88 e 89, batizado por Sales (1999) de triênio da desilusão. A partir de 1990 o número de saídas diminui e encontra certa estabilidade. O fluxo migratório originado em Criciúma apresenta uma forte aceleração nos últimos anos da década de 90, não apresentando sinais de que essa tendência fosse se inverter até a data do survey, o que o caracteriza como o fluxo mais recente. A curva de Maringá, diferente das outras, apresenta três picos e duas depressões, com o ápice registrado em 1990, ano da promulgação da lei que facilitou a imigração para descendentes de japoneses. É interessante notar que, no caso de Maringá, o pico da migração parece ter surgido de repente, ou seja, não houve um período prévio de "pioneiros", mas uma avalanche de saídas como em resposta a um forte estímulo.

Gráfico 04

Comportamento dos fluxos de migração, por cidade de origem 1980 a 2000*.



Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

*As saídas anteriores à escala do gráfico estão acumuladas no ano de 1980.

[6] Para Governador Valadares, o último ano de registro de saídas foi 1997, ano da realização do *survey* nessa cidade.

Em movimentos migratórios internacionais, nos quais o tempo decorrido desde seu início é relativamente curto, a análise das coortes em função do período de chegada no destino é particularmente importante devido às transformações mais intensas na configuração sociodemográfica dos componentes desses fluxos. Desde a chegada dos "pioneiros" até o momento em que o fluxo de saídas atinge certa "estabilidade", passando pelo período de ápice em volume, as condições de estímulo para migrar e de adaptação no destino variam, e o reflexo dessas alterações na razão de sexo dos migrantes pode ser verificado na **Tabela 05**.

Como regra geral, o número absoluto de homens supera o de mulheres, seja qual for o caso analisado, mas a razão de sexos é mais equilibrada entre os migrantes de Maringá, resultado da reforma da lei japonesa sobre imigrantes. Sem os riscos inerentes à ilegalidade, as mulheres aparecem em maior proporção no fluxo que leva ao Japão, apresentando uma distribuição relativa semelhante à masculina.

Governador Valadares exibe o clássico quadro de migração internacional, particularmente a indocumentada: o movimento começa com maior participação dos homens, incorporando mais mulheres ao passo que se expande (**Tabela 05**). Desde o início da série temporal até 1988, o auge do movimento, os homens predominam no cenário de saídas; de 1989 em diante, as mulheres superam os homens em proporção, chegando mesmo a excedê-los numericamente nos anos de 1993 e 1996.

Criciúma, por ser a origem do fluxo migratório mais recente, tem a razão de sexos mais desequilibrada em favor dos homens. Esse índice, no entanto, não fica tão distante do encontrado em Valadares, pois a migração a partir de Criciúma ganhou força em fins dos anos 90, quando várias comunidades de brasileiros já se encontravam consolidadas em território norte-americano. Algumas correntes que partem de Criciúma, como será visto no próximo capítulo, chegam ao mesmo ponto nos Estados Unidos, aproveitando, dessa forma, uma estrutura preexistente de laços entre migrantes brasileiros.

Tabela 05

Distribuição relativa do fluxo de migração, por sexo, segundo o ano de chegada no país de destino. Governador Valadares, Criciúma e Maringá.

Ano	Governador Valadares			Criciúma			Maringá		
	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total
1980	7,09	6,13	6,73	0,27	0,49	0,35	0,98	2,23	1,52
1981	0,37	0,61	0,46	0,00	0,00	0,00	0,00	0,32	0,14
1982	1,12	1,84	1,39	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
1983	5,97	0,61	3,94	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
1984	3,36	2,45	3,02	0,27	0,97	0,53	0,00	0,32	0,14
1985	8,58	6,13	7,66	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
1986	7,84	6,75	7,42	1,10	0,00	0,70	0,00	0,32	0,14
1987	17,16	11,66	15,08	1,10	0,49	0,88	0,49	0,32	0,41
1988	14,93	12,88	14,15	0,82	0,49	0,70	1,22	0,32	0,83
1989	11,94	15,34	13,23	2,19	0,97	1,75	7,56	5,73	6,77
1990	5,97	5,52	5,80	2,47	1,46	2,10	17,80	15,29	16,71
1991	2,99	4,29	3,48	1,64	1,94	1,75	13,17	10,51	12,02
1992	2,99	4,91	3,71	1,92	2,43	2,10	9,27	9,24	9,25
1993	1,49	7,36	3,71	5,21	3,40	4,55	4,88	8,28	6,35
1994	3,73	5,52	4,41	6,03	4,85	5,60	5,12	5,73	5,39
1995	3,73	4,91	4,18	3,84	5,83	4,55	6,83	4,78	5,94
1996	1,87	5,52	3,25	3,56	4,85	4,03	5,61	7,96	6,63
1997	5,97	3,68	5,10	4,11	4,37	4,20	9,02	8,92	8,98
1998	--	--	0,00	9,04	13,11	10,51	4,63	4,46	4,56
1999	--	--	0,00	13,97	17,96	15,41	3,66	4,78	4,14
2000	--	--	0,00	16,71	16,02	16,46	6,83	6,05	6,49
2001	--	--	0,00	25,75	20,39	23,82	2,93	4,46	3,59
Total	**100,00**	**100,00**	**100,00**	**100,00**	**100,00**	**100,00**	**100,00**	**100,00**	**100,00**
Total (N)	**260**	**160**	**420**	**318**	**185**	**503**	**404**	**307**	**711**

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

O **gráfico 05**, diferente da **Tabela 05**, registra o número absoluto de migrantes segundo o ano de saída, mostrando a composição real do fluxo. Pelo gráfico fica mais evidente, no caso de Governador Valadares, a força do movimento durante a década de 80, e a predominância masculina nesse período, como já mostramos para o total de migrantes. Ao mesmo tempo em que o número de saídas diminui nos primeiros anos da década de 90, a ampliação do movimento a partir de Criciúma começa a ser percebida. A superposição idealizada desses gráficos causa a impressão de que os migrantes de Criciúma pegaram "carona" na comitiva valadarense. A distribuição de saídas em Maringá, novamente, denota um crescimento abrupto do fluxo em direção ao Japão a partir de 1989. Fica clara, portanto, a distinção quanto ao processo de ampliação do contingente migratório em função da região de destino: no movimento indocumentado em direção aos Estados Unidos, o estabelecimento prévio de estruturas sociais reticulares, nas quais circulam recursos e informações importantes, é um pré-requisito para a expansão do projeto migratório na região de origem; o fluxo nipônico, por outro lado, conta com estruturas organizacionais institucionalizadas, as agências de recrutamento, que distribuem igualmente as oportunidades de migrar para quem se encaixa nas exigências legais.

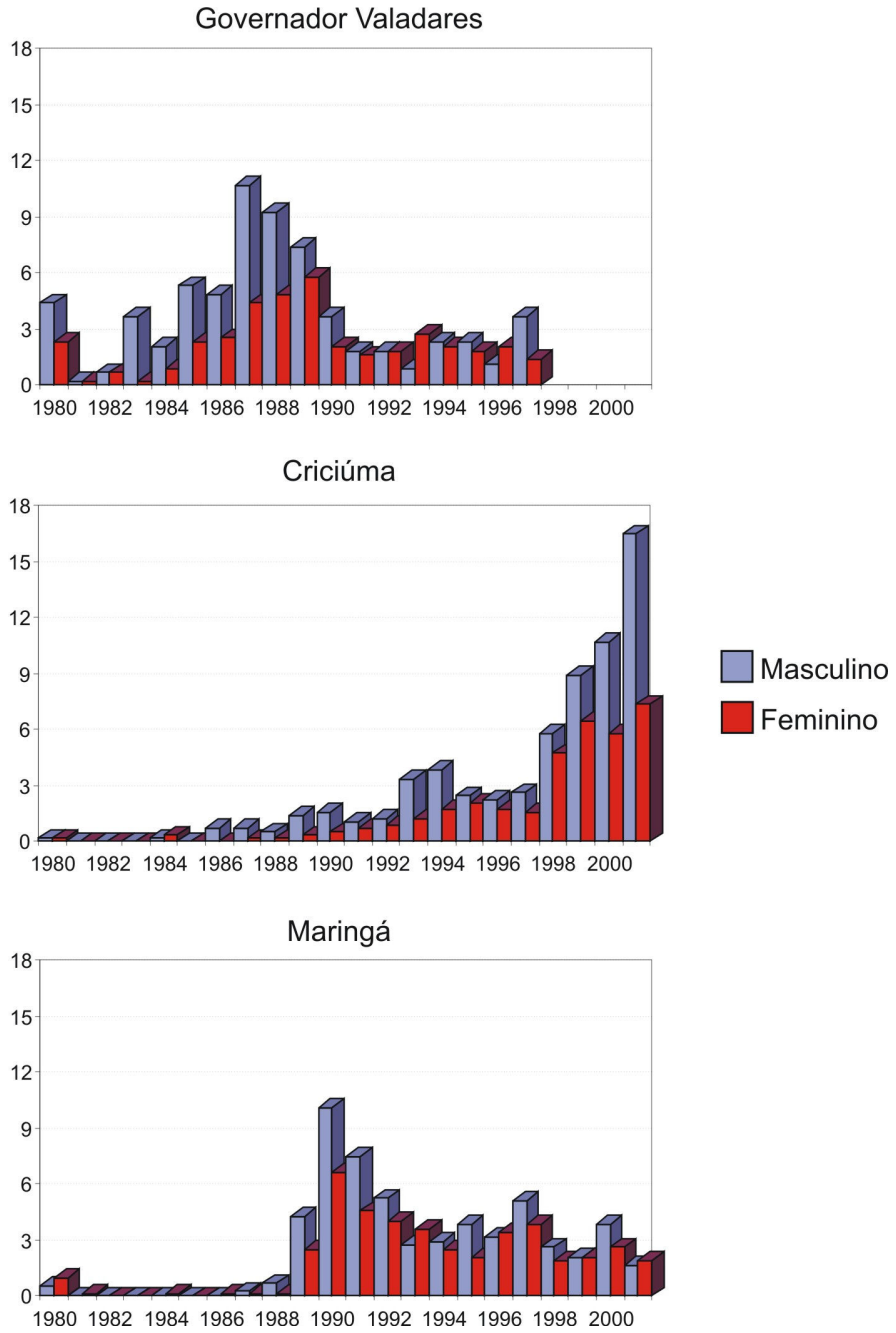
Dentre os fatores que influenciam a entrada e permanência de imigrantes, Portes destaca os *modos de incorporação* (1995; p.23-25). Esse conceito refere-se ao processo de inserção de imigrantes em diferentes contextos da sociedade de destino, a saber: política oficial de imigração, receptividade da sociedade de destino, e receptividade da comunidade étnica no destino. Essa combinação de níveis de recepção, a qual Portes utiliza para fazer uma contraposição ao modelo neoclássico, permite explicar a mobilidade econômica do imigrante. Para o nosso caso, parte desse conceito ajuda a explicar a quantidade de viagens que o brasileiro empreende em seu projeto migratório.

Do mesmo modo que em outros fluxos laborais voluntários, os brasileiros que vão para outros países raramente vêem a mudança de residência como definitiva. O projeto de migrar, entretanto, que em geral se inicia fortemente associado à idéia de retorno, não raramente sofre alterações em termos de expectativa temporal do indivíduo na condição de imigrante, prolongando o período de estada idealizado antes da partida, às vezes de forma indeterminada. Mas seja qual for a extensão de tempo vivida no exterior, a manutenção dos laços com a origem é uma característica marcante das comunidades de brasileiros no exterior: 99% dos migrantes de Governador Valadares e de Criciúma, e 98% dos migrantes de Maringá mantêm ou mantiveram alguma forma de contato com os parentes e amigos que ficaram no Brasil. O contato mais efetivo, naturalmente, ocorre quando o migrante tem a chance de visitar seus conhecidos na origem, necessitando, para isso, viajar de volta ao Brasil e de novo para o exterior. Aqui podemos associar a política de imigração do país receptor às idas e vindas dos nossos migrantes.

Gráfico 05

Total de migrantes, por sexo, segundo o ano de saída do país de origem.

Governador Valadares, Criciúma e Maringá.



Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

A **Tabela 06** mostra que uma única viagem é o comportamento predominante em todos os fluxos, ainda que seja evidente a diferença entre a maior concentração dessa conduta em Governador Valadares (80%) e a menor em Maringá (60%). A principal característica para Maringá nesse quesito é a ampla superioridade quanto aos migrantes que fizeram 3 e 4 viagens para o Japão. Nesse caso, o fator limitante é o valor da passagem para o outro lado do mundo, já que o descendente de japonês, ou seu cônjuge, não passam por tantos problemas para conseguir o visto de reentrada. Mas o maior número de migrantes que fizeram 2 ou 3 viagens partindo de Criciúma, quando comparado aos números de Governador Valadares, precisa ser mais bem analisado, já que o fluxo daquela cidade é o mais recente.

No que toca a política de imigração dos Estados Unidos em relação aos brasileiros, não existe uma "questão nacional" que direcione os esforços do INS[7] para conter a onda clandestina de brazucas, como ocorre com os mexicanos. No entanto, conforme alguns locais de origem se acumulavam nos relatórios sobre não-migrantes que excediam o prazo do visto de permanência e sobre repatriados que trabalhavam ilegalmente, algumas cidades ficaram marcadas como potenciais fontes de indocumentados. Segundo a declaração de vários entrevistados em Governador Valadares e Criciúma, bastava o reconhecimento da naturalidade pelo passaporte para que o funcionário da embaixada norte-americana negasse o visto.

Esse problema foi parcialmente resolvido pelos habitantes de Valadares devido ao desenvolvimento de uma rede de falsificação de documentos, como foi registrado por Soares (1995). Parcialmente, porque esse procedimento facilita somente a primeira entrada no país, uma vez que a permanência além do prazo e realização de trabalho sem o visto apropriado sujeitam o indivíduo à deportação, além de dificultar sua reentrada. Tanto em Governador Valadares quanto em Criciúma, somente os migrantes com *status* de migrante devidamente regularizado fizeram 5 viagens ou mais, e o maior número de pessoas que fizeram 2 ou 3 viagens em Criciúma deve-se ao fato de que muitos migrantes dessa cidade escolheram a rota através do México, procedimento adotado em escala crescente por brasileiros nos últimos anos.

[7] *Immigration and Naturalization Service*.

Tabela 06
Distribuição relativa do fluxo de migração, por sexo, segundo o número de viagens ao país de destino. Governador Valadares, Criciúma e Maringá.

Viagens	Governador Valadares			Criciúma			Maringá		
S	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total
1	79,00	83,82	80,84	69,06	73,12	70,55	57,87	63,26	60,19
2	16,37	13,87	15,42	20,31	19,89	20,16	23,24	20,13	21,90
3	1,78	1,73	1,76	6,25	3,76	5,34	12,59	11,50	12,12
4	0,71	0,58	0,66	2,19	0,54	1,58	4,84	3,51	4,27
5 e mais	2,14	0,00	1,32	2,19	2,69	2,37	1,45	1,60	1,52
Total (%)	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Total (N)	281	173	454	323	190	513	413	313	726

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

A **Tabela 07** indica as proporções em que os indivíduos foram categorizados entre retornados e ausentes, segundo o sexo do migrante. Os homens constituem maioria em quaisquer dos fluxos, como já foi visto, mas a distribuição dos migrantes em função da condição de presença mostra uma diferença interessante relacionada à cidade de origem: nos locais de saída para os Estados Unidos encontramos mais migrantes ausentes, enquanto que em Maringá os retornados predominam.

Consideramos que a formação de comunidades-filha no destino, reafirmando o que já foi dito em outro trabalho (Fusco, 2000), pode contribuir na explicação desse fato. A concentração de imigrantes em espaços específicos amplia as conexões sociais para além do que seria a simples soma das redes pessoais, pois os recursos são agregados em um conjunto que pode ser acessado direta ou indiretamente por laços fortes ou fracos. Em outras palavras: em locais onde as comunidades de brasileiros se encontram mais concentradas, o migrante conta com uma fonte de apoio mais eficiente para se manter no destino, se assim o desejar, em função da maior disponibilidade de capital social.

Tabela 07
Distribuição relativa do fluxo de migração, por sexo,segundo condição de presença. Governador Valadares, Criciúma e Maringá.

Condição	Governador Valadares		Criciúma		Maringá	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
Retornado	36,65	30,06	28,53	22,75	58,66	64,22
Ausente	63,35	69,94	71,47	77,25	41,34	35,78
Total (%)	100,00	100,00	100,85	100,95	103,00	106,74
Total (N)	281	173	254	211	433	341

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

Para reforçar esse argumento, vejamos na **Tabela 08** a seguir como se distribuem os indivíduos pesquisados em função do tempo vivido no exterior, durante toda sua experiência migratória. Antes de tudo, devemos levar em consideração quando ocorreu o ápice para cada fluxo, em função da data do *survey*, uma vez que essa medida está diretamente relacionada com a variável em questão. Voltando à Tabela 05, podemos verificar que o pico do movimento em Valadares ocorreu 10 anos antes do *survey*; em Criciúma foi registrado o ápice no próprio ano da pesquisa; e em Maringá, esse marco ocorreu 14 anos antes do *survey*. Dessa forma, a concentração de 82% dos migrantes criciumenses na faixa de 0 a 5 anos de permanência é plenamente justificável, mas o mesmo não acontece com a diferença entre Governador Valadares e Maringá: 57% dos migrantes daquela cidade têm 6 ou mais anos no exterior, contra somente 32% desta, apesar do maior tempo de exposição à chance de permanecer no destino por parte dos maringaenses. A permanência na região de destino, para o migrante clandestino, é caracterizada pelo risco de prisão e deportação, do mesmo modo que a entrada através da fronteira ou desembarque. Consideramos, portanto, que o pertencimento a um grupo ou comunidade, em que o capital social disponível atenda às necessidades de seus membros, é um fator importante para analisar a questão da expectativa temporal e da adaptação do migrante no destino.

Tabela 08

Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo o tempo (em anos) de permanência no destino ao longo de toda experiência migratória. Governador Valadares, Criciúma e Maringá.

Tempo de permanência	Governador Valadares			Criciúma			Maringá		
	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total
0 a 2	25,09	20,35	**23,28**	60,56	58,73	**59,88**	35,87	44,41	**39,63**
3 a 5	16,85	25,58	**20,18**	21,12	24,87	**22,50**	30,64	28,40	**29,65**
6 a 8	19,00	24,42	**21,06**	10,56	8,99	**9,98**	19,48	14,50	**17,29**
9 a 11	26,16	20,93	**24,17**	4,66	4,23	**4,50**	11,88	10,88	**11,44**
12 e mais	12,90	8,72	**11,31**	3,11	3,17	**3,13**	2,14	1,81	**1,99**
Total (%)	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Total (N)	279	172	451	322	189	511	421	331	752

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

A **Tabela 09** abaixo mostra a distribuição dos migrantes por faixas de idade ao migrar pela primeira vez, segundo sexo. O agrupamento das faixas de 20 até 39 anos concentra 81% dos migrantes de Valadares, 74% de Criciúma e 49% de Maringá. Essas proporções indicam que a maioria dos indivíduos estava em plena capacidade produtiva e reprodutiva, justificando, por um lado, o clássico argumento de migrantes como jovens adultos, principalmente do sexo masculino, buscando melhores condições materiais de vida; por outro lado, podemos identificar um dos fatores responsáveis pela menor proporção de crianças nos domicílios com migrantes, já que esses indivíduos estavam em idade de maior exposição ao risco de ter filhos, e podem ter adiado tais planos em função da migração. Esse fator compete tanto na categoria de resultante como na de condicionante, pois já vimos que famílias com crianças tendem menos à migração internacional de longa distância, devido às necessidades específicas do ciclo vital familiar. Além disso, a faixa de idade ao migrar pela primeira vez que mais concentra migrantes é a de 20 a 24 anos em todos os fluxos, o que reforça o argumento de que o ciclo vital é o fator mais importante para, nesse caso, conferir maior flexibilidade ao indivíduo.

Tabela 09

Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo faixas de idade, na ocasião da primeira experiência migratória.

Governador Valadares, Criciúma e Maringá.

Faixas de idade	Governador Valadares			Criciúma			Maringá		
	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total
0-14	2,19	3,00	**2,49**	0,63	0,56	**0,60**	3,97	8,47	**5,92**
15-19	8,00	7,78	**7,92**	9,84	16,11	**12,12**	17,87	16,29	**17,18**
20-24	32,73	26,95	**30,54**	30,48	27,78	**29,49**	19,85	18,57	**19,30**
25-29	21,45	33,53	**26,02**	19,68	27,78	**22,63**	14,14	14,98	**14,51**
30-34	15,64	14,37	**15,16**	12,06	10,56	**11,52**	8,19	8,79	**8,45**
35-39	9,45	8,38	**9,05**	12,70	6,11	**10,30**	7,44	5,21	**6,48**
40-44	4,36	1,80	**3,39**	6,03	4,44	**5,45**	6,45	7,17	**6,76**
45-49	3,64	1,80	**2,94**	4,44	2,78	**3,84**	7,69	7,17	**7,46**
50 e mais	2,54	2,40	**2,49**	4,13	3,90	**4,04**	14,39	13,35	**13,95**
Total (%)	**100,00**	**100,00**	**100,00**	**100,00**	**100,00**	**100,00**	**100,00**	**100,00**	**100,00**
Total (N)	**275**	**167**	**442**	**315**	**180**	**495**	**403**	**307**	**710**

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

Apesar de exibirem maior proporção de indivíduos que migraram entre 20 e 39 anos, os três fluxos apresentam uma diferença importante na distribuição da população segundo idade ao migrar, em função do local de destino. Aqueles que foram ao Japão aparecem mais espalhados pelas faixas de idade, principalmente as mais elevadas. Essa característica reflete diretamente a questão do *status* de legalidade, já que a condição de clandestino limita o escopo de idade daqueles que podem se aventurar aos riscos conhecidos desse tipo de migração, enquanto que os dekasseguis, com visto apropriado em sua maioria, não sofrem o mesmo tipo de constrangimento.

2.3. Qualificação do Trabalho

Do total de migrantes em Valadares, 12% têm curso superior completo ou incompleto; 75% iniciaram ou concluíram o segundo grau; e 12% têm o primeiro grau, completo ou incompleto (Tabela 10). Em Criciúma esse quadro se altera um pouco: 19% completaram ou ingressaram em curso superior; 72% alcançaram o segundo grau; e 9% chegaram até o primeiro grau. Mas é em Maringá que verificamos a diferença mais significativa: 29% dos migrantes têm nível universitário; 22% atingiram o segundo grau; e finalmente, 13% contam somente com o primeiro grau, completo ou não. A diferença marcante, portanto, aparece na maior proporção de migrantes com nível superior em Maringá, principalmente entre os que têm curso universitário completo, os quais agregam aproximadamente o dobro do valor equivalente nas outras cidades.

Uma das causas para explicar a diferença de escolaridade entre a população migrante de Criciúma e de Maringá provavelmente está relacionada ao critério de amostragem para esta última, que restringiu a inclusão de domicílios em função da presença de pelo menos um membro com ascendência japonesa. Uma análise do desempenho escolar da população de raça amarela em relação à população total da cidade pode ajudar nessa argumentação, mas não é nosso objetivo, nesse momento, desenvolver essa idéia. Em complemento a esse fator, o melhor capital humano pode ser também uma conseqüência do processo de seletividade pelo qual passam os maringaenses, devido à preferência dada ao maior capital humano pelas agências no recrutamento.

O nível de escolaridade dos brasileiros retratados em outros trabalhos é muito diferente dos apresentados aqui. A população de brazucas entrevistada por Margolis (1994) em Nova York exibe o índice de 46% de indivíduos com experiência universitária, número muito próximo do encontrado por Sales (1999) entre os imigrantes em Boston (47%). Os resultados obtidos por Martes (1999) mostram um desempenho mais modesto (28%), mas ainda assim muito superior aos da nossa amostra. Duas razões se complementam para explicar: primeira, nossa amostra foi coletada na origem, as outras foram tomadas no destino; segunda, nossas entrevistas foram escolhidas por amostragem aleatória de domicílios, as demais seguiram o método bola-de-neve ou selecionaram indivíduos em estabelecimentos escolhidos.

Tabela 10
Distribuição dos migrantes, por grau de escolaridade.
Governador Valadares, Criciúma e Maringá.

Escolaridade	Governador Valadares	Criciúma	Maringá
Analfabeto	0,68	0,00	1,05
Primário incompleto	12,50	3,35	5,13
Primário completo	-	5,33	8,55
Ginásio incompleto	30,00	12,23	8,03
Ginásio completo	-	13,41	15,26
Colegial incompleto	44,77	10,85	6,45
Colegial completo	-	35,70	26,18
Univ. incompleto	3,41	10,65	12,76
Univ. completo	8,64	8,48	16,58
Total (%)	**100,00**	**100,00**	**100,00**
Total (N)	**440**	**507**	**760**

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

Associada à escolaridade, a proficiência na língua do país de destino é outro importante fator na qualificação do imigrante, como afirma Borjas (1990). Segundo a Tabela 11 abaixo, 6% dos valadarenses declararam o domínio da língua como excelente ou bom e 94% como regular ou nenhum; em Criciúma essas proporções foram 12% e 88%; em Maringá encontramos melhores índices, com 31% dos migrantes em excelente ou bom e 69% em regular ou nenhum. Mais uma vez, a melhor qualificação do migrante que sai de Maringá pode ser explicada tanto pelo viés da raça, como pela seletividade própria do movimento em direção ao Japão. O que merece destaque aqui, no entanto, é o surpreendente baixo nível de conhecimento do idioma estrangeiro, em especial o inglês, dentre os migrantes de Valadares e Criciúma. A escolaridade mediana, se comparada de Maringá, associada ao fraquíssimo índice de proficiência em inglês, apontam, portanto, para a menor importância do capital humano na migração que leva aos Estados Unidos, quando comparada ao fluxo de dekasseguis.

Tabela 11

Distribuição relativa dos migrantes, por grau de proficiência na língua do país de destino.

Governador Valadares, Criciúma e Maringá.

Proficiência	Governador Valadares	Criciúma	Maringá
Excelente	1,37	4,94	10,82
Bom	5,03	6,84	19,97
Regular	24,26	28,33	35,23
Nenhum	69,34	59,89	33,98
Total (%)	**100,00**	**100,00**	**100,00**
Total (N)	**437**	**526**	**721**

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

A importância do nível de escolaridade e de conhecimento do idioma estrangeiro está nas possibilidades de inserção do imigrante no mercado de trabalho no local de destino. Mas o indivíduo que não domina o idioma, mesmo que tenha curso superior, não tem as mesmas chances que um nativo de ingressar numa carreira profissional promissora. Em relação à escolaridade, também podemos dizer que "... a desvalorização do diploma no mercado de trabalho (brasileiro) pode ser uma variável fundamental para explicar por que pessoas com grau de escolaridade acima da média de seu país optam pela emigração, sabendo que no país de destino exercerão ocupações menos qualificadas do que aquelas que exerciam no Brasil" (Martes, 1999; p. 52). Seja como for, o escopo de ocupações exercidas pelos migrantes da amostra não corresponde à escolaridade registrada, como podemos ver nas **Tabelas 12, 13 e 14**.

Tabela 12

Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo grupos de ocupação.

Governador Valadares.

Ocupação	Masc.	Fem.
Faxina/Limpeza	11,28	52,82
Bar/Restaurante	28,02	15,49
Babá/idosos	0,39	9,86
Construção	22,57	0,70
Outros	37,74	21,13
Total (%)	**100,00**	**100,00**
Total (N)	**257**	**142**

Fonte: Sales 1997

A maioria das mulheres (53%) de Valadares está concentrada na limpeza, que envolve a faxina doméstica e empresas de limpeza; os dois outros maiores grupos trabalham em bares e restaurantes (15%), geralmente como lavadoras de louça e limpadoras de mesa, e ainda como babás e acompanhantes (10%), cuidando de crianças ou idosos. Os homens dessa cidade trabalham principalmente em bares e restaurantes (28%) e no serviço braçal em construções (23%), mas também atuam no setor de limpeza (11%), em geral associado às esposas. A população feminina de Criciúma também está concentrada na limpeza (32%), em bares e restaurantes (19%) e em empregos para cuidar de crianças e idosos (5%), mas, se considerarmos todas as ocupações dessas mulheres, constatamos que elas apresentam uma maior diversidade de empregos que as valadarenses. Os homens de Criciúma estão alocados nos mesmos nichos ocupacionais dos valadarenses, mas em proporções diferentes: 29% na construção, 26% em bares e restaurantes, e 13% na limpeza, apresentando, ao contrário de suas conterrâneas, menor margem de diversificação de ocupações que os valadarenses.

Tabela 13

Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo grupos de ocupação. Criciúma

Ocupação	Masc.	Fem.
Babá/idosos	0,37	5,48
Faxina/Limpeza	13,24	32,42
Bar/Restaurante	26,47	18,72
Construção	29,41	0,91
Outros	30,51	42,47
Total (%)	**100,00**	**100,00**
Total (%)	**272**	**219**

Fonte: Sales 2001.

A grade de ocupações registrada para os migrantes de Maringá é muito diferente, pois os dekasseguis são encaminhados pelas diretrizes das agências de recrutamento, que, por sua vez, refletem uma demanda de trabalhadores em ocupações bem específicas. Como podemos ver na Tabela 14, tanto homens como mulheres estão agrupados majoritariamente na categoria de operário industrial (72% e 58%, respectivamente). As mulheres aparecem ainda trabalhando em serviços de limpeza (5%), no cuidado com idosos (4%), e em bares e restaurantes (4%). Os homens trabalham também em construções (5%), na limpeza (2%), e em bares e restaurantes (2%).

Tabela 14

Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo grupos de ocupação. Maringá

Ocupação	Masc.	Fem.
Operário industrial	71,78	58,05
Enfermeiro/a acompanhante	0,00	4,36
Limpeza	2,23	5,37
Bar/Restaurante.	1,98	3,69
Construção	4,95	1,01
Outros	19,06	27,52
Total (%)	**100,00**	**100,00**
Total (N)	**404**	**298**

Fonte: Sales 2001.

A incorporação do imigrante brasileiro no mercado de trabalho norte-americano, portanto, ocorre no patamar inferior, denominado de "secundário" pela teoria da segmentação de Piore e Berger (1980). A rígida dualidade desse modelo, contudo, constitui um entrave na análise ocupacional dos imigrantes, pois, segundo Portes (1995), os *enclaves étnicos* são uma alternativa importante ao mercado de trabalho para os imigrantes, evidenciando um lapso daquele modelo. Pode-se afirmar, contudo, que as ocupações exercidas pelos brasileiros estão concentradas no setor de serviços, setor este que vem se ampliando nos Estados Unidos.

A concentração dos brasileiros em serviços de faxina, em bares e restaurantes, ou no cuidado com crianças e idosos, segundo Martes (1999; p.89), pode ser mais facilmente associada às mudanças no estilo de vida, nos padrões de consumo e nas relações de gênero, especialmente relacionadas à crescente incorporação das mulheres no mercado de trabalho dos Estados Unidos, do que à reestruturação produtiva da economia norte-americana. Os brasileiros, dessa forma, ocupam nichos de ocupações desprestigiadas pelos nativos, mas que lhes permitem continuar a conquistar seu espaço lá fora. Além disso, foi graças a esses empregos e muito esforço que esses imigrantes ganharam, no norte, o estereótipo de povo trabalhador (Sales, 1999).

2.4. Remessas

Da Agência BBC vem o seguinte informe: "o Brasil está em oitavo lugar entre os países em desenvolvimento que mais recebem remessas de imigrantes no mundo, de acordo com a Pesquisa Mundial Econômica e Social, divulgada nesta segunda-feira pela Organização das Nações Unidas (ONU). Os brasileiros que trabalham fora do país enviaram, segundo o Departamento para Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, mais de dois bilhões de dólares para casa em 2002" (Galvão, 2004). Essa informação deveria provocar alguma reação do poder público, no sentido de proporcionar formas de apoio aos imigrantes brasileiros. Fica aqui a sugestão de investimentos em centros de socialização para brazucas nos Estados Unidos, como um clube ou um centro cultural.

A maioria dos migrantes, independentemente da cidade de origem, remete dinheiro para o Brasil (**Tabela 15**). Os dekasseguis remetem numa proporção maior que os brazucas, mas a predominância de remessas para manter a família na origem é um padrão comum aos dois fluxos. Uma possível explicação para a diferença entre os índices dos que não realizam remessas financeiras pode ser buscada na expectativa temporal de permanência do migrante. No fluxo que parte de Valadares, vários migrantes se encontram há muito tempo nos Estados Unidos. É razoável considerar que parte dessas pessoas decidiu-se por viver indefinidamente nesse país, o que justificaria o redirecionamento da poupança para a nova vivenda. Pela facilidade de reentrada no Japão, as idas e vindas dos dekasseguis podem conferir um caráter mais provisório para a condição de imigrante, incrementando o número de pessoas que mantém o plano de **retornar**. Os originários de Criciúma ficam no meio termo, pois esse fluxo é do mesmo tipo que o de Valares, mas não tão antigo.

Tabela 15

Distribuição relativa dos migrantes, segundo o envio de remessas para o município de origem e a finalidade da remessa. Governador Valadares, Criciúma e Maringá.

Remessas	Governador Valadares	Criciúma	Maringá
Não	48,78	42,86	40,35
Investimento	16,63	15,82	19,01
Família	27,94	38,24	39,91
Inv.+fam.	6,65	3,08	0,73
Total (%)	**100,00**	**100,00**	**100,00**
Total (N)	**451**	**455**	**689**

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

2.5. Brasileiro nos Estados Unidos: temos um padrão?

A caracterização do movimento migratório para os Estados Unidos apresentada neste capítulo, se comparada a outros trabalhos sobre o mesmo tema, deixa clara a dificuldade em se estabelecer um padrão único para o emigrante brasileiro. Várias pesquisas foram realizadas nesse sentido, mas as diferentes metodologias empregadas e os diferentes períodos em que foram feitas, além da lacuna de dados oficiais, resultaram numa ampla coleção de dados e poucas chances de consenso. Alguns pontos de identificação, no entanto, podem ser localizados nesse processo de caracterização.

A predominância de migrantes na faixa de 20 a 35 anos é uma das características comuns dos estudos afins, assim como a predominância de homens no movimento (Scudeler, 1999; Sales, 1999; Martes, 2000; DeBiaggi, 2003; Assis, 2004). Além disso, as opções para ocupações a serem exercidas pelos brasileiros nos Estados Unidos são limitadas, concentrando-se principalmente no setor de faxina para as mulheres, e em construção civil e nos "bastidores" de bares e restaurantes, para os homens.

As comunidades brasileiras estabelecidas nos Estados Unidos atualmente, entretanto, não configuram um padrão único para o movimento. Antes, encontramos um mosaico de elementos pertencentes a diferentes regiões na origem, classes sociais, ocupação no Brasil, escolaridade, períodos de chegada, índice de permanentes e temporários, etc. Um elemento importante na migração de brasileiros para os Estados Unidos, contudo, pode surgir como um padrão comum aos vários estudos relacionados ao tema: a utilização do capital social e seus efeitos no processo migratório. Essa é a nossa tarefa para o próximo capítulo.

3. Capital Social e Dinâmica Migratória

Segundo as estimativas do Ministério das Relações exteriores (**Tabela 16**), os principais países de destino para os brasileiros são Estados Unidos, Paraguai e Japão, que juntos agregam 78% dos nossos emigrantes. Essa diminuta relação de países de destino tem uma correlação direta com a distribuição dos locais de saída no território nacional, pois cada movimento guarda especificidades que condicionam o ingresso do migrante em potencial no fluxo. Os brasileiros que vão para o Japão, por exemplo, saem principalmente dos Estados de São Paulo e Paraná, pois é lá que se encontra a maior colônia de descendentes de japoneses, condição suficiente para poder viver e trabalhar no Japão. O fluxo que leva ao Paraguai, por outro lado, está restrito ao entorno da fronteira com aquele país, e está relacionado aos incentivos presentes na política de desenvolvimento agrícola do governo paraguaio (Sales, 1999).

Tabela 16

Distribuição absoluta e relativa dos migrantes brasileiros, segundo o país de destino.

País de Destino	(N)	(%)
Estados Unidos	799.203	42,33
Paraguai	442.104	23,42
Japão	224.970	11,92
Outros	421.618	22,33
Total	**1.887.895**	**100,00**

Fonte: Ministério das Relações Exteriores 2001.

Já o movimento de brasileiros para os Estados Unidos, que não é afetado por recrutamento ativo, como no caso dos dekasseguis, e não tem contigüidade com o território nacional, como os brasiguaios, apresenta a maior concentração de pontos de saída no Brasil. É essa característica tão específica de concentração, não só na origem, mas também no destino, que buscamos associar aos efeitos da utilização do capital social.

3.1. Conexão Brasil-Estados Unidos

O questionário da amostra utilizado pelo IBGE na ocasião do Censo contém uma pergunta para captar o movimento de pendularidade, o que não nos ajuda a estimar o número de brasileiros vivendo no exterior. O Censo de 2000, por exemplo, registra 222 habitantes de Governador Valadares trabalhando ou estudando nos Estados Unidos, o que contraria qualquer expectativa sobre o volume de emigrantes dessa cidade.

No entanto, é possível utilizarmos uma outra variável desse questionário para termos uma idéia da distribuição dos emigrantes internacionais pelo território brasileiro. Quando respondem em qual país estrangeiro residiam anteriormente, os brasileiros residentes há menos de 10 anos na localidade entrevistada configuram-se como retornados. Essa categoria não é exatamente como a da nossa amostra, pois a condição de inclusão nos *surveys* era a de residência na cidade participante, antes da viagem ao exterior. Dessa forma, os indivíduos captados no Censo serão contabilizados como retornados para determinado município, mesmo que não tenham partido dali. Apesar dessa margem de incerteza, consideramos razoável a utilização dessa medida como uma *proxy* para avaliarmos a participação das cidades brasileiras no movimento de *emigração* para outros países, particularmente para os Estados Unidos.

O número absoluto de retornados é uma boa medida para avaliar o saldo de retorno, mas não para hierarquizar as localidades em função do impacto causado pelo volume de retorno na população. Para tanto, utilizamos uma medida que expressa a relação retornados/população total, tanto para municípios como para UFs (**Tabelas 17 e 18**). Esse procedimento posiciona, por exemplo, a cidade de São Paulo e seus 3805 retornados no 35º lugar do *ranking*, enquanto que Governador Valadares, com somente 540 habitantes que voltaram dos Estados Unidos, é elevada ao topo da lista.

Tabela 17

Participação dos migrantes retornados na população total, por municípios selecionados com mais de 100.000 habitantes.

	Município	Retornados	População	Índice
		A	B	(A/B)*10000
1	Governador Valadares - *MG*	540	247131	**21,85**
2	Poços de Caldas – *MG*	232	135627	**17,11**
3	Ipatinga – *MG*	231	212496	**10,87**
4	Teresópolis – *RJ*	128	138081	**9,27**
5	Belo Horizonte – *MG*	1957	2238526	**8,74**
6	Vitória – *ES*	247	292304	**8,45**
7	Barueri – *SP*	164	208281	**7,87**
8	São Carlos – *SP*	150	192998	**7,77**
9	Goiânia – *GO*	798	1093007	**7,30**
10	Divinópolis – *MG*	120	183962	**6,52**
11	Vila Velha – *ES*	225	345965	**6,50**
12	Petrópolis – *RJ*	184	286537	**6,42**
13	Rio de Janeiro – *RJ*	3696	5857904	**6,31**
14	São Leopoldo – *RJ*	120	193547	**6,20**
15	Campinas – *SP*	600	969396	**6,19**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico 2000.
Tabulação própria.

O reduzido número de municípios conectados com a migração para os Estados Unidos é uma característica marcante, evidenciada por vários ângulos. Em primeiro lugar, somente 10%, ou 555 dos 5507 municípios brasileiros registram moradores residentes retornados dos Estados Unidos. A Região Sudeste, apesar de ser responsável por 43% da população nacional, conta com 66% dessa mesma categoria de migrantes. Minas Gerais, que tem 10,5% da população brasileira, responde por 21% dos retornados.

Quando mudamos a escala de observação para o limite espacial das UFs, constatamos mais uma vez que a grande maioria dos migrantes sai de um diminuto grupo de localidades: somente 64 municípios têm índice de retornados superior à média nacional; no Estado de São Paulo, somente 17%, ou 110 dos 645 municípios têm retornados; em Minas Gerais, essa proporção é de 19%. Esta última UF é a que mais sofre o impacto da conexão de emigrantes com os Estados Unidos, pois exibe o mais alto índice na **Tabela 18**. Além disso, a maioria dos municípios da **Tabela 17** está em Minas Gerais.

Tabela 18

Participação dos migrantes retornados na população total, por unidades da federação.

UF		Retornados	População	Índice
		A	B	(A/B)*10000
1	MINAS GERAIS	6240	17891494	3,49
2	RIO DE JANEIRO	4971	14391282	3,45
3	ESPÍRITO SANTO	805	3097232	2,60
4	GOIÁS	1266	5003228	2,53
5	SÃO PAULO	7491	37032403	2,02
6	PARANÁ	1757	9563458	1,84
7	RIO GRANDE DO SUL	1467	10187798	1,44
8	SANTA CATARINA	732	5356360	1,37
9	PERNAMBUCO	981	7918344	1,24
10	MATO GROSSO DO SUL	226	2078001	1,09
11	CEARÁ	578	7430661	0,78
12	MATO GROSSO	151	2504353	0,60
13	RONDÔNIA	74	1379787	0,54
14	RIO GRANDE DO NORTE	141	2776782	0,51
15	BAHIA	655	13070250	0,50
16	PARAÍBA	157	3443825	0,46
17	AMAZONAS	109	2812557	0,39
18	PARÁ	233	6192307	0,38
19	PIAUÍ	99	2843278	0,35
20	ALAGOAS	93	2822621	0,33
21	MARANHÃO	87	5651475	0,15
22	SERGIPE	9	1784475	0,05
BRASIL		29590	169799170	1,74

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico 2000. Tabulação própria

Essa concentração de locais de origem na migração para os Estados Unidos contrasta fortemente com a distribuição dos municípios envolvidos com o movimento em direção ao Japão. Apesar de reconhecidamente menor em volume do que o fluxo que leva à América do Norte, o registro de brasileiros retornados do Japão contabiliza 13% dos municípios do Brasil como local de chegada desses migrantes. O universo de municípios expostos ao risco de se envolver na migração Brasil-Japão, no entanto, se restringe majoritariamente aos locais onde existem comunidades nipo-brasileiras, as quais se concentram nos Estados de São Paulo e Paraná, que, somados, respondem por 82% dos retornos. Em São Paulo, quase 50% dos municípios têm migrantes retornados do Japão; no Paraná, essa proporção é de 41%, ainda que não existam comunidades de descendentes de japoneses em todas as cidades desses dois Estados, o que aumenta a probabilidade de que a medida real seja ainda maior.

Esses números revelam uma característica marcante desse movimento, associada à distribuição da população nipo-brasileira pelo território nacional: a simples existência de descendentes de japoneses numa localidade determina uma alta probabilidade de encontrarmos retornados do Japão.

Tabela 19

Distribuição absoluta e relativa dos migrantes brasileiros, por cidades de países selecionados.

CIDADE	QUANTIDADE	% (*)
NOVA YORK	300.040	15,89
CIUDAD DEL ESTE	280.059	14,83
MIAMI	200.005	10,59
BOSTON	150.005	7,95
NAGOYA	135.079	7,16
ASSUNÇÃO	107.040	5,67
TÓQUIO	89.891	4,76
SALTO DEL GUAIRÁ	55.005	2,91
WASHINGTON	48.001	2,54
HOUSTON	40.140	2,13
LISBOA	36.070	1,91
BUENOS AIRES	35.051	1,86
LOS ANGELES	33.007	1,75
ZURIQUE	25.880	1,37
FRANKFURT	23.201	1,23
MUNIQUE	21.695	1,15
MILÃO	20.062	1,06
PARAMARIBO	20.015	1,06
ROMA	17.059	0,90
PORTO	15.520	0,82
BERLIM	15.507	0,82
CAIENA	15.044	0,80
LONDRES	15.020	0,80
SÃO FRANCISCO	15.003	0,79
CHICAGO	13.002	0,69
TEL AVIV	11.002	0,58
ROTTERDAM	10.532	0,56
RIVERA	10.016	0,53
Subtotal =>	1.757.951	93,12
Outros Postos	129.944	6,88
(*) Total estimado de brasileiros em 2000	**1.887.895**	**100,00**

Fonte: Ministério das Relações Exteriores 2001

As estimativas do número de brasileiros vivendo no exterior, elaboradas pelo Ministério das Relações Exteriores (**Tabela 19** acima), mostram a distribuição dessas pessoas nos países de destino. Os limites territoriais correspondentes ao posicionamento dos brasileiros foram arbitrados em função da localização dos postos consulares, o que diminui a precisão quanto à distribuição dos imigrantes. Apesar disso, o fato de existirem 8 postos nos Estados Unidos permite comparações entre as concentrações de brasileiros nas diferentes regiões desse país. As cidades de Nova York, Miami, Boston e Washington, por exemplo, agrupam quase 90% dos brazucas nesse país, revelando a costa leste dos Estados Unidos como a preferência nacional.

A maioria dos migrantes brasileiros que decidem viver no exterior, portanto, está distribuída entre bem poucos países. Os fluxos originados nas cidades que participaram dos *surveys*, contudo, apresentam índices de concentração no destino ainda maiores (Tabela 20 a seguir). Os Estados Unidos abrigam 86% dos migrantes valadarenses e 60% dos oriundos de Criciúma; esta cidade também apresenta fluxos relevantes para a Itália (14%) e Portugal (11%), relacionados à presença de descendentes de imigrantes italianos e portugueses em Santa Catarina; o Japão, sem surpresas, é o destino de praticamente todo descendente de japonês maringaense.

Tabela 20

Distribuição relativa dos migrantes brasileiros por países, segundo o município de origem.

País	Governador Valadares	Criciúma	Maringá
Estados Unidos	85,60	60,00	0,14
Canadá	2,53	1,58	--
Portugal	2,33	10,89	0,14
Japão	0,19	0,40	99,31
Itália	0,78	14,26	--
México	0,19	4,55	--
Outros	8,37	8,32	0,42
Total (%)	**100,00**	**100,00**	**100,00**
Total (N)	**514**	**505**	**722**

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

A **Tabela 21**, que mostra a distribuição dos migrantes nos Estados norte-americanos e nas províncias do Japão, reforça nossa afirmação de que a migração de brasileiros para os Estados Unidos apresenta uma conexão muito estreita de algumas cidades na origem com pontos específicos no destino. Os migrantes de Valadares, por exemplo, situam-se principalmente em Massachusetts (52%), Flórida (16%), Nova Jersey (15%) e Nova York (12%), além de uma proporção mínima (6%) que se dispersa pelos outros Estados; os

criciumenses exibem uma concentração ainda maior, pois 83% dos que vão aos Estados Unidos ficam em Massachusetts, restando apenas 17% para serem contabilizados nos demais Estados; os migrantes que se dirigem ao Japão, por outro lado, apresentam uma concentração menor: 19% em Shizuoka, 17% em Aichi Ken, 14 províncias agrupando entre 2% e 6% dos migrantes, e todas as 47 províncias com alguma proporção de maringaenses.

Tabela 21

Distribuição relativa dos migrantes brasileiros por estados e províncias dos Estados Unidos e Japão, segundo o município de origem no Brasil.

Estado	Governador Valadares	Estado	Criciúma	Província	Maringá
Massachusetts	51,86	**Massachussetts**	83,08	**Shizuoka**	19,21
Florida	15,88	**Florida**	5,38	**Aichi Ken**	17,38
Nova Jersey	14,64	**Connecticut**	3,85	**Kanagawa Ken**	6,62
Nova York	11,66	**Texas**	1,92	**Tókio**	5,96
Outros	5,96	**Outros**	5,77	**Outros**	50,83
Total (N)	**100,00**	**Total (N)**	**100,00**	**Total (N)**	**100,00**
	403		**302**		**604**

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

A distribuição dos brasileiros pelas cidades dos Estados Unidos e Japão apresenta também um padrão de alta concentração para o primeiro país, e uma certa "diluição" dos migrantes no segundo, como mostra a **Tabela 22**. Boston agrega 38% dos migrantes de Valadares e 59% dos oriundos de Criciúma, mas se levarmos em conta que Framingham, Somerville, e outras cidades[8] com índices menores de imigrantes se localizam na região metropolitana de Boston, concluiremos que a concentração de brasileiros nessa região é ainda maior. Os migrantes que vão ao Japão, por outro lado, não se concentram de forma destacada em nenhuma cidade no destino. Ao contrário, encontram-se espalhados por 177 cidades, enquanto que os valadarenses alcançam um máximo de 61 e os criciumenses chegam somente a 35 cidades nos Estados Unidos.

[8] As divisões administrativas no Brasil são diferentes das utilizadas nos Estados Unidos, mas aqui iremos nos referir sempre à "cidade" como termo equivalente.

Ta bela 22

Distribuição relativa dos migrantes brasileiros por cidades dos Estados Unidos e Japão, segundo o município de origem no Brasil.

Governador Valadares		Criciúma		Maringá	
Boston	37,60	**Boston**	58,90	**Nagoya**	7,19
Nova York	9,40	**Somerville**	6,85	**Hamamatsu**	5,68
Newark	5,48	**Miami**	4,11	**Tóquio**	5,11
Framingham	4,96	**Hartford**	3,42	**Osaka**	4,55
Outras	42,56	**Outras**	26,72	**Outras**	77,47
Total (%)	**100,00**		**100,00**		**100,00**
Total (N)	**383**		**292**		**528**

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

Como foi demonstrado, o deslocamento de brasileiros para os Estados Unidos tem um padrão muito nítido na distribuição espacial da população migrante, tanto na origem quanto no destino. Encontramos muito poucos municípios no Brasil envolvidos com esse movimento, os quais se localizam predominantemente na região sudeste. Mesmo no interior dos Estados onde a emigração é mais intensa, como é o caso de Minas Gerais, a proporção de municípios vinculados a comunidades brasileiras no exterior não chega a 20%. Nos Estados Unidos, os dados do Ministério das Relações Exteriores mostram a grande concentração de brasileiros na costa leste, e os resultados do *survey* apontam particularmente para o maior agrupamento de migrantes na Região Metropolitana de Boston, Massachusetts. Os emigrantes de Governador Valadares evidenciam, com um histórico migratório mais antigo, como a lista de opções no destino diminui com o passar do tempo, concentrando-se em um número cada vez menor de localidades (Fusco, 2000), e estreitando os laços com comunidades específicas. Como referência para oposição, vimos que os dekasseguis estão mais espalhados, tanto pelos municípios brasileiros como pelas cidades japonesas.

Dada à facilidade e intensidade com as quais determinados brasileiros decidem partir e tentar a vida nos Estados Unidos, chega a ser surpreendente que tão poucos lugares se transformem em pontos de saída para a emigração internacional. Municípios brasileiros que compartilham determinadas características sociodemográficas e econômicas, por exemplo, deveriam também exibir números algo semelhantes na migração para os Estados Unidos, pois os fatores de atração no destino e a exposição ao *"american way of life"*, a princípio, exercem a mesma influência sobre os brasileiros em toda parte da nação. Uma parcela da explicação, como queremos demonstrar, pode ser encontrada na dinâmica de circulação do capital social.

Antes de buscarmos o que contribui para que a migração internacional tome corpo, é necessário ressaltar que a maior parte dos recursos do capital social é disponibilizada localmente. O conjunto desses recursos locais está conectado a interesses e normas sociais,

que freqüentemente envolvem mais a população do que grandes questões nacionais. Tais bens não-monetários, como informações importantes, favores, acesso a outros conjuntos de recursos por laços fracos, circulam no interior de grupos sociais e entre esses grupos, cuja coesão, de maneira geral, depende da manutenção dos contatos entre os membros. Dessa forma, os laços pelos quais circula o capital social funcionam como "âncoras" que contribuem para que o indivíduo permaneça no mesmo ambiente.

Quando alguns migrantes pioneiros se estabelecem em outro país, depois de enfrentarem altos riscos e custos, tanto financeiros quanto emocionais, o primeiro estágio na formação de um fluxo maior de saídas é atingido. Para que o processo migratório evolua, no entanto, é necessário que tais pioneiros mantenham e cultivem os laços sociais com a origem. O deslocamento de alguns migrantes e de suas redes pessoais para outra localidade, associado à ampliação dessas redes ao passo em que se estabelecem no destino, iniciam o processo de expansão da emigração, pois os demais membros do grupo original do migrante passam a ter mais e mais contatos no exterior, que se configuram como potenciais fontes de recursos. Os laços de parentesco e amizade, nesse contexto, restringem a ampliação do movimento aos limites espaciais, geralmente estreitos, nos quais repousam esses laços. O aumento do alcance das redes sociais relacionadas à migração internacional, portanto, amplia a esfera de inclusão para potenciais migrantes, ao mesmo tempo em que limita esse crescimento ao local onde se encontram os grupos sociais na origem, vinculados aos respectivos membros no destino. Como conseqüência, somente alguns indivíduos de determinadas cidades podem alimentar e concretizar as expectativas de migrar para locais específicos, nos quais a clandestinidade é um fator importante.

3.2. Adaptação no Destino

O que é necessário para que um indivíduo ingresse em um fenômeno de massa, especificamente no movimento migratório para os Estados Unidos? Por um lado, há que se considerar os riscos envolvidos no processo, como a possibilidade de prisão e deportação. Além disso, também devem ser levados em conta os custos emocionais e financeiros, como o distanciamento da família e dos amigos, e os gastos para financiar a viagem, pagar aluguel, sobreviver, enfim, até a obtenção de um emprego. Por outro lado, o conjunto de recursos disponíveis no interior de grupos sociais que extravasam fronteiras nacionais, quando mobilizado eficientemente, atenua significativamente os riscos e custos para quem decide pela migração. Por meio de questões específicas à experiência do migrante, poderemos analisar os procedimentos utilizados para a consecução do plano de viver em outras terras.

Como já foi esclarecido, o questionário aplicado em Governador Valadares difere do modelo utilizado em Criciúma e Maringá. Em Valadares, por exemplo, foi colocado um quesito sobre quem o migrante conhecia no destino antes de sua primeira viagem. Em Criciúma e Maringá, por outro lado, essa questão foi modificada para apreender as fontes de recursos para hospedagem e obtenção de emprego no país receptor. Seja como for, essa informação revela tanto a extensão dos laços sociais, que ligam origem e destino através das fronteiras nacionais, como a utilização do capital social que circula por esses laços.

A **Tabela 23** mostra quem o migrante conhecia no destino antes de sua primeira viagem. Enquanto que 20% dos valadarenses declararam não conhecer ninguém no país de destino, mais de 56% tinham parentes e aproximadamente 24% tinham pelo menos um amigo aguardando sua chegada. Nos poucos casos em que o migrante declarou ter ambos, parentes *e* amigos, no país receptor, o registro foi efetuado na conta dos parentes, o que explica parcialmente a maior freqüência de respostas nessa categoria. Os laços de parentesco, no entanto, são reconhecidamente os mais importantes na migração a partir de Governador Valadares (Assis, 2004; Soares, 2002; Fusco, 2002).

Tabela 23

Distribuição relativa dos migrantes, segundo vínculo social com pessoas no país de destino, por espécie de vínculo.

Governador Valadares

Vínculo	Participação Relativa (%)
Ninguém	20,00
Parentes	56,44
Amigos	23,56
Total (%)	**100,00**
Total (N)	**450**

Fonte: Sales 1997.

A relevância dos grupos familiares na emigração valadarense, além disso, ganha força com o passar do tempo, como mostra a **Tabela 24**. Pelo histórico migratório mais antigo, o movimento de Valadares pode ser dividido em três períodos distintos: aceleração (de 1961 a 1986), clímax (1987 a 1989) e desaceleração e estabilidade (1990 a 1997). Podemos observar o decremento contínuo na proporção de indivíduos que não tinham nenhum conhecido no exterior, a qual corresponde à quase um terço dos migrantes na fase inicial, reduzindo-se a pouco mais de um décimo no último período. Ao mesmo tempo, a proporção de pessoas que tinham parentes nos Estados Unidos cresce de 45% na primeira fase para mais de dois terços no período mais recente. As conexões familiares aparecem em destaque no processo migratório que se amplia pela cidade, até o momento em que quase todos os potenciais migrantes tenham, pelo menos, um parente ou amigo nos Estados Unidos. Essa dinâmica deixa clara, mais uma vez, a associação entre a expansão do movimento e a circulação do capital social entre os membros de determinados grupos de parentesco ou de amizade.

Tabela 24

Distribuição relativa dos migrantes, segundo vínculo social com pessoas no país de destino, por espécie de vínculo e etapas do movimento migratório. Governador Valadares

Vínculo	Períodos		
	61 a 86	87 a 89	90 a 97
Ninguém	29,50	19,70	11,20
Parentes	44,70	57,30	67,20
Amigos	25,80	23,00	21,60
Total (%)	100,00	100,00	100,00
Total (N)	132	183	134

Fonte: Sales 1997.

A origem dos recursos financeiros usados pelos valadarenses na preparação da viagem para os Estados Unidos está exibida na **Tabela 25**. Menos da metade dos migrantes contou somente com recursos próprios, enquanto que 40% solicitaram e receberam a ajuda de parentes, 9% tiveram auxílio dos amigos, 4% recorreram às agências de viagens, e 2% tiveram ainda outra fonte de financiamento. Os serviços oferecidos pelas agências de viagens configuram-se mais como arranjos institucionais do que relacionais, mas as informações necessárias para sua utilização passam certamente pelas conexões sociais. Além disso, ressaltamos aqui que o dinheiro obtido dessa forma não é o bem do capital social que levamos em conta, mas o empréstimo na forma de favor, que guarda procedimentos de quitação diferentes daqueles utilizados pelas instituições financeiras.

Tabela 25

Distribuição absoluta e relativa dos migrantes, segundo origem dos recursos utilizados no processo de migração para os Estados Unidos. Governador Valadares

Recursos	N	%
Próprios	201	45,20
Parentes	178	40,00
Amigos	38	8,60
Agência de viagem	18	4,10
Outra	10	2,10
Total	445	100,00

Fonte: Sales 1997.

Os mesmos dados da **Tabela 25**, agrupados segundo o período da primeira viagem aos Estados Unidos, permitem uma visão dinâmica do uso do capital social, como mostra a Tabela 26. Ao mesmo tempo em que cai de forma contínua a proporção de pessoas que utilizaram somente recursos próprios, de 49% no primeiro período para 43% no período mais recente, o índice que mostra o auxílio financeiro oferecido por parentes cresce de 36% para 43%. A importância que têm os laços familiares para um indivíduo decidido a migrar para os Estados Unidos é evidente, mas o principal efeito dessa forma de exposição dos dados é o de mostrar a relação entre a ampliação do movimento e a crescente utilização do capital social disponível, no processo migratório de Governador Valadares.

Tabela 26

Distribuição relativa dos migrantes, segundo origem dos recursos utilizados no processo de migração para os Estados Unidos e o período de migração. Governador Valadares

Recursos	Períodos		
	61 a 86	87 a 89	90 a 97
Próprios	49,2	44,1	42,8
Parentes	36,2	40,8	42,8
Amigos	9,2	9,5	6,1
Agência viagem	5,4	1,7	6,1
Outra	--	3,9	2,2
Total %	**100,0**	**100,0**	**100,0**
Total (N)	**130**	**179**	**131**

Fonte: Sales 1997.

As questões sobre fontes de recursos financeiros, ajuda para hospedagem e obtenção de emprego, aplicadas em Criciúma e Maringá, contêm a categoria "agência de recrutamento" entre as respostas. Ainda assim, foi incluída uma questão específica para sabermos se o indivíduo utilizou uma agência de recrutamento como seu principal expediente ao migrar.

A **Tabela 27** deixa claro que esse não é o procedimento seguido pela maioria dos criciumenses, dos quais somente 7% se enquadram como agenciados, ao contrário daqueles originários de Maringá, que totalizam 71% nessa categoria.

Tabela 27

Distribuição relativa dos migrantes, segundo a utilização de "agências de recrutamento" no processo de migração. Criciúma e Maringá.

Utilização	Criciúma	Maringá
Sim	6,58	70,83
Não	93,42	29,17
Total (%)	**100,00**	**100,00**
Total (N)	**486**	**696**

Fonte: Sales 2001.

As **Tabelas 28 e 29** caracterizam os fluxos migratórios de Criciúma e Maringá de acordo com a condição de presença do migrante e o tipo de ajuda recebida em sua primeira viagem ao exterior. Ao declarar quem forneceu os recursos financeiros necessários e informações sobre hospedagem e emprego, o migrante acaba revelando a teia de relações que liga origem e destino e que sustenta os fluxos migratórios. As categorias registradas indicam se o migrante recebeu a ajuda de parentes, amigos, agência de recrutamento ou se não recebeu qualquer tipo de auxílio.

Um dos mecanismos que promove a circulação do capital social é a reciprocidade como norma de comportamento, a qual pode ser específica ou difusa, conforme vimos no primeiro capítulo. A ajuda para encontrar hospedagem, por exemplo, não necessariamente é fornecida pelos laços sociais fortes: se um parente fornece essa ajuda, ele pode hospedar o migrante em sua própria residência ou ainda fornecer informações ou indicações de possíveis locais, nos quais outros imigrantes devam algum favor àquele parente, ou ainda a outro imigrante. O mesmo ocorre para a ajuda na obtenção do primeiro emprego. Essa troca de preciosas informações e favores, que ocorre por meio de laços fortes e fracos, é fundamental para aqueles que se encontram na situação de clandestino em outro país e sem conhecimento do idioma local.

Tabela 28

Distribuição relativa dos migrantes, por condição de presença, segundo as fontes e espécies de recursos obtidos por ocasião da primeira viagem ao exterior no processo migratório. Criciúma.

Fontes	Recursos financeiros		Hospedagem		Emprego	
	Retornado	Ausente	Retornado	Ausente	Retornado	Ausente
Próprios	54,20	44.00	9,80	8,40	14,50	13,90
Parentes	38,00	47,00	43,40	44,80	30,60	34,80
Amigo/a	3,50	4,20	39,20	41,40	50,00	46,50
Ag. Recrutamento	-	1,20	0,60	1,20	-	0,60
Outros	4,30	3,60	7,00	4,20	4,90	4,20
Total (%)	**100,00**	**100,00**	**100,00**	**100,00**	**100,00**	**100,00**
Total (N)	**142**	**406**	**143**	**406**	**124**	**353**

Fonte: Sales 2001.

É justamente nesse momento que podemos perceber as diferentes estratégias dos migrantes de Criciúma e Maringá para realizar o projeto migratório. De acordo com a **Tabela 28**, somados os migrantes que contaram com recursos financeiros de parentes e amigos teremos 41% dos retornados e 51% dos ausentes. Pode-se dizer, então, que os migrantes de Criciúma têm utilizado os recursos financeiros disponibilizados pelas redes sociais de forma considerável, o que também foi verificado no caso de Governador Valadares.

No quesito hospedagem, a utilização dos recursos do capital social é ainda mais visível: 83% dos migrantes retornados e 92% dos ausentes conseguiram hospedagem graças a parentes ou amigos, enquanto que apenas 10% dos retornados e 8% dos ausentes não obtiveram qualquer tipo de auxílio nesse sentido. As agências de recrutamento estão presentes no projeto migratório de pouquíssimos migrantes criciumenses: 0,7% dos retornados e 1,2% dos ausentes recorreram a este tipo de serviço.

A obtenção do primeiro emprego no destino, no caso do fluxo que parte de Criciúma, é outro aspecto que chama a atenção quanto ao uso do capital social: 81% dos retornados e uma proporção semelhante dos ausentes conseguiram o primeiro emprego por meio de parentes ou amigos. Deve ser ressaltado aqui que, para todas as fontes de favores exibidas, os retornados utilizaram menos os recursos disponibilizados pelos laços sociais que os ausentes. Essa diferença pode indicar uma característica seletiva sobre aqueles que *já* são migrantes, determinando uma probabilidade maior ou menor de permanecer no destino.

O quadro em Maringá se mostra totalmente diferente de Criciúma (**Tabela 29**). Nenhum migrante da amostra utilizou recursos financeiros disponibilizados por amigos.

Apenas 18% dos retornados e 16% dos ausentes recorreram ao auxílio de parentes. Em compensação, 52% dos retornados e 64% dos ausentes obtiveram os recursos financeiros necessários para a primeira viagem por intermédio de agências de recrutamento. Nos demais aspectos, é o auxílio prestado pelas agências de recrutamento, também, que predomina no projeto dos migrantes que partem de Maringá: 59% dos retornados e 71% dos ausentes tiveram a hospedagem no destino providenciada por agências. O índice é ainda maior quando se trata do auxílio para a obtenção do primeiro emprego no destino: 69% dos retornados e 75% dos ausentes utilizaram as agências de recrutamento. Esses números indicam uma configuração oposta ao do movimento analisado em Criciúma, onde as redes sociais de parentesco e amizade predominam na oferta de recursos: a ajuda necessária aos migrantes de Maringá tem origem nas agências de recrutamento, que programam desde o financiamento da passagem aérea até o emprego.

Tabela 29

Distribuição relativa dos migrantes, por condição de presença, segundo as fontes e espécies de recursos obtidos por ocasião da primeira viagem ao exterior no processo migratório. Maringá.

Fontes	Recursos financeiros		Hospedagem		Emprego	
	Retornado	Ausente	Retornado	Ausente	Retornado	Ausente
Próprios	25,90	18,10	4,80	7,30	3,80	6,20
Parentes	17,60	16,40	25,00	18,10	16,30	13,00
Amigo/a	-	-	1,10	2,10	3,10	3,30
Ag. Recrutamento	51,90	64,10	59,30	70,70	69,50	74,60
Outros	4,60	1,40	9,80	1,80	7,30	2,90
Total (%)	**100,00**	**100,00**	**100,00**	**100,00**	**100,00**	**100,00**
Total (N)	**437**	**287**	**440**	**287**	**392**	**276**

Fonte: Sales 2001.

A análise dessas mesmas variáveis em função do sexo dos migrantes já mostrou diferenças significativas de comportamento entre eles, em estudos anteriores (Fusco, 2000; 2002). Ao revisitar esses resultados, pudemos também compará-los ao que foi percebido em Criciúma e Maringá. Segundo a Tabela 30, a proporção de valadarenses do sexo masculino que não conhecia ninguém no destino chega quase a 23%, enquanto que as mulheres somam somente 15%. Dentre as valadarenses que foram aos Estados Unidos, 65% tinham parentes no local de chegada, e 19% tinham amigos, ao passo que essas proporções, para os homens, totalizam 51% e 26%, respectivamente. Fica claro, a partir desses números, que as mulheres de Governador Valadares que foram aos Estados Unidos se apóiam mais nos laços de parentesco do que os homens.

Tabela 30

Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo vínculo social com pessoas no destino (Estados Unidos). Governador Valadares

Vínculo	Sexo	
	Masc	Fem
Ninguém	22,80	15,10
Parentes	50,50	65,10
Amigos	26,30	18,60
Outra	0,40	1,20
Total (%)	100,00	100,00
Total (N)	281	172

Fonte: Sales 1997.

A **Tabela 31** mostra a origem dos recursos financeiros utilizados, segundo o sexo do migrante valadarense. Mais uma vez, a proporção de mulheres que não solicitou ou recebeu ajuda extra é menor que a dos homens (42% e 48%, respectivamente), e a dimensão dos que tiveram o apoio dos parentes é maior entre as mulheres (45% e 37%). Na corrente migratória mexicana, analisada por Massey, os laços de parentesco são considerados como a base mais importante na organização social da migração, mas somente as conexões familiares masculinas são destacadas (Massey, 1987). As mulheres valadarenses, nesse caso, estão em vantagem em relação aos homens, pelo fato de utilizarem mais os laços familiares.

Tabela 31

Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo origem dos recursos utilizados no processo de migração para os Estados Unidos. Governador Valadares

Recursos	Sexo	
	Masc	Fem
Próprios	47,80	42,30
Parentes	37,30	44,60
Amigos	9,10	7,70
Agência viagem	3,30	4,80
Outra	2,50	0,60
Total (%)	100,00	100,00
Total (N)	276	168

Fonte: Sales 1997.

Mesmo que as variáveis não sejam idênticas às de Valadares, as questões aplicadas sobre a utilização de capital social por parte dos migrantes de Criciúma e Maringá também foram tabuladas em função do sexo, como aparecem nas **Tabelas 32 e 33**. Com relação aos recursos financeiros que circulam pelas redes sociais dos migrantes de Criciúma, 51% dos homens e 34% das mulheres não tiveram ou não procuraram ajuda nesse tópico; significa, portanto, que quase metade dos homens e dois terços das mulheres contaram com recursos de outras pessoas ou instituições. Mais especificamente, as conexões de parentesco foram as mais importantes para que os migrantes criciumenses tivessem acesso a empréstimos, já que 55% das mulheres e 44% dos homens se apoiaram nesses laços.

Com relação às facilidades para se obter hospedagem no país de destino, os números de Criciúma apontam este como o maior índice de uso dentre todos os recursos de capital social captados pelo questionário (Tabela 32): somente 10% dos homens e 6% das mulheres não tiveram auxílio para encontrar uma moradia no exterior. A proporção de mulheres que tiveram ajuda de amigos é alta (35%), mas o apoio da família é ainda maior (49%). Os homens, por sua vez, contaram mais com amigos (44%), mas os familiares também foram muito importantes (42%). Uma vez mais, as mulheres se destacam pela maior utilização do capital social, principalmente pelos laços de parentesco.

Tabela 32

Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo as fontes e espécies de recursos obtidos por ocasião da primeira viagem ao exterior no processo migratório.

Criciúma

Fonte	Recursos financeiros		Hospedagem		Emprego	
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
Próprios	50.60	33.80	10.20	6.50	14.80	12.70
Parentes	43.30	54.70	42.20	49.30	31.50	38.00
Amigo/a	2.90	5.50	43.90	35.30	49.50	42.80
Ag. Recrutamento	0.60	1.50	0.60	1.50	0.30	0.50
Outros	2.60	4.50	3.10	7.40	3.90	6.00
Total (%)	100.00	100.00	100.00	100.00	100.00	100.00
Total (N)	344	201	344	201	311	166

Fonte: Sales 2001.

Os resultados relacionados à obtenção do primeiro emprego no destino trazem uma pequena alteração no padrão verificado até agora: a proporção de mulheres que não teve auxílio algum, da mesma forma que nas variáveis anteriores, é menor que a dos homens (13% contra 15%), mas, nesse caso, as mulheres tiveram mais ajuda de amigos (43%) do que de parentes (38%), o que também foi verificado para os homens (50% e 32%, respectivamente). Esses dados acrescentam uma particularidade importante para compreendermos melhor como circulam os vários recursos do capital social, pois eles revelam que as informações sobre emprego são trocadas com maior intensidade entre amigos do que entre parentes. Apesar de essa constatação ser válida especialmente para as mulheres, ela também conta para os homens, pois é no quesito hospedagem que eles mais recorrem aos amigos.

A Tabela 33, referente aos migrantes de Maringá, repete o padrão observado nos fluxos de Governador Valadares e de Criciúma: as mulheres utilizam mais o auxílio prestado por familiares. Prevalece, obviamente, o uso dos serviços realizados pelas agências de recrutamento, mas a proporção de utilização é sempre maior entre homens do que entre mulheres, enquanto que a ajuda de parentes é utilizada em maior escala por mulheres que homens. No quesito recursos financeiros, por exemplo, 13% dos homens se beneficiaram da ajuda de familiares, enquanto que 22% das mulheres o fizeram. Quando se trata de hospedagem, essa diferença é ainda maior: 16% dos homens recorrem a parentes ou amigos, contra 30% das mulheres na mesma condição. Mas a característica marcante do fluxo que parte de Maringá é mesmo a utilização das agências de recrutamento, que no quesito "ajuda para o primeiro emprego" atinge seus mais altos índices em ambos os sexos: 74,9% dos homens e 67,2% das mulheres obtiveram esse tipo de auxílio.

Tabela 33

Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo as fontes e espécies de recursos obtidos por ocasião da primeira viagem ao exterior no processo migratório.

Maringá

Fonte	Recursos financeiros		Hospedagem		Emprego	
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
Próprios	24.30	20.80	6.50	4.80	5.30	4.00
Parentes	13.10	22.40	16.40	29.90	11.90	20.10
Amigo/a	-	-	1.90	1.00	3.00	3.60
Ag. Recrutamento	59.70	52.90	69.30	57.60	74.90	67.20
Outros	2.90	3.90	5.90	6.50	4.90	5.10
Total (%)	**100.00**	**100.00**	**100.00**	**100.00**	**100.00**	**100.00**
Total (N)	**437**	**287**	**440**	**287**	**392**	**276**

Fonte: Sales 2001.

Os fluxos de brasileiros para os Estados Unidos e Japão são as duas maiores correntes migratórias de longa distância com origem no território nacional. Aqueles que vão para trabalhar, em sua maioria, são alocados em ocupações desprestigiadas e rejeitadas pelos habitantes nativos. Esse é o limite da coincidência entre os dois movimentos, pois a configuração do *status* de legalidade de cada um dá o tom das demais características.
No caso dos dekasseguis, a principal forma de migração ocorre por meio dos agentes intermediários que auxiliam e providenciam os trâmites burocráticos. Muitas vezes as próprias agências de turismo cumprem o papel de intermediário e recrutador de mão-de-obra (Sasaki, 200). Segundo as estimativas do CIATE[9], cerca de 80% dos mais de duzentos mil dekasseguis brasileiros estão nas mãos dos agenciadores (Japão Aqui, 1997). Essas agências recrutam os descendentes de japoneses onde quer que estejam, dentro dos limites do território nacional, e os enviam para as fábricas, espalhadas pelo Japão, que os requisitam.

Já com relação aos brazucas, por se tratar de um movimento predominantemente clandestino, o processo todo que resulta na incorporação do migrante brasileiro na comunidade de destino nos Estados Unidos dificilmente passa pelos canais oficiais: a falta de crédito nos bancos, para quem precisa rapidamente levantar um *cash* para a viagem, não é necessariamente um problema; a falta de experiência anterior não é um entrave para o emprego; o currículo escolar não conta muito; a divulgação de vagas no mercado formal dos Estados Unidos, para qualquer um no Brasil que esteja interessado, não acontece com freqüência; os guias de imóveis para alugar, pouco ajudam os brazucas; a maioria dos eventos pelos quais passa o migrante, enfim, deriva de uma organização social paralela ao sistema social "oficial".

A oferta dos recursos necessários para que o migrante em potencial se transforme em migrante de fato, no entanto, ocorre de forma restrita. Os limites dessa oferta correspondem ao alcance dos laços sociais de cada um. Se uma determinada pessoa na origem consegue ter acesso a um imigrante no destino, esse imigrante pode se tornar a fonte de apoio necessária para a concretização do projeto de migrar. Por outro lado, se a rede pessoal do indivíduo não extravasa as fronteiras nacionais, e nem o acesso a outras redes por intermédio de contatos indiretos tem tal alcance, esse indivíduo permanece no Brasil. Dessa forma, o capital social exerce uma função seletiva clara, pois somente aqueles que estão inseridos em redes sociais transplantadas para os Estados Unidos podem fazer parte da "cooperativa" de vantagens específicas que deriva do pertencimento a determinados grupos sociais.

Ao se tornarem imigrantes, essas pessoas não rompem suas relações com a origem: ao contrário, cultivam os vínculos por meio de remessas financeiras, contatos por carta, telefone, ou internet, visitas eventuais, etc. As notícias que circulam por meio desses contatos, se positivas, têm o poder de incrementar o volume migratório, mas somente nos limites dos grupos envolvidos. Com o passar do tempo, outros grupos passam a fazer parte dos "escolhidos", pois as redes pessoais são estruturas dinâmicas, que eventualmente acrescentam ou removem contatos de seu conjunto. Uma nova conexão, como um novo amigo, é um laço do tipo fraco, que tem o poder de conectar duas ou mais redes pessoais diferentes. O movimento migratório se expande, portanto, como uma mancha que se espalha por um tecido, ampliando sua área a partir de um ponto específico.

---

[9] Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior, é uma entidade ligada ao Ministério do Trabalho Japonês em São Paulo.

3.3. Capital Cordial: troca de favores à moda brasileira

A importância do capital social no processo migratório clandestino que leva os brasileiros para os Estados Unidos, não é objeto de contestação. Absolutamente todos os estudos sobre o tema destacam de alguma forma a relevância dos recursos não-financeiros, que circulam pelos laços sociais, como facilitador para a inserção do migrante na sociedade norte-americana. Os mecanismos que atuam nesse processo, no entanto, são objetos de alguma polêmica, à qual voltaremos nossa atenção logo adiante.

A bibliografia norte-americana também é rica em estudos sobre os efeitos do capital social na migração internacional. Massey (1998), por exemplo, cita quase uma centena de trabalhos acadêmicos sobre o assunto. Tais estudos utilizam modelos estatísticos para captar as evidências de correlação entre o uso do capital social e várias características da migração internacional, mas raros são os autores que se dispõem a discutir quais aspectos motivacionais da organização social dos migrantes são responsáveis pela transferência dos recursos específicos a esse tipo de capital. Trata-se, provavelmente, da dificuldade em se apreender o *motus* de determinadas ações sociais em termos mensuráveis, propriedade indispensável para a modelagem estatística.

Felizmente, alguns cientistas consideram importante a fundamentação dos mecanismos de transferência dos recursos não-monetários entre membros de estruturas sociais reticulares. Werbner (1990), em particular, estuda a relação entre migração laboral e economia da dádiva, focalizando o papel central das redes, não somente no processo de distribuição da população e de concessão de crédito entre empresários paquistaneses em Manchester, Inglaterra, mas também como a base para relacionamentos complexos de trocas de favores, que mantém a coesão dessa comunidade. Embora essa autora não faça referência explícita, sua análise se enquadra perfeitamente na abordagem teórica interacionista, que tem suas raízes no clássico *Ensaio sobre a Dádiva,* de Marcel Mauss. Alejandro Portes, de modo semelhante, conclui que:

> "Capital social se refere à capacidade dos indivíduos em mobilizar recursos escassos pela virtude de pertencimento a redes ou estruturas sociais mais amplas. Tais recursos podem incluir bens econômicos tangíveis como empréstimos livres de juros, ou intangíveis como informações sobre negócios, dicas de empregos, e boa-vontade generalizada nas transações de mercado. Os próprios recursos não são o capital social; o conceito se refere antes à habilidade do indivíduo em ter acesso a eles, quando necessário. A chave conceitual característica de tais recursos é que são gratuitos. Eles têm a marca da 'dádiva', uma vez que não se espera que sejam reembolsados com dinheiro ou outros objetos de valor, num período de tempo predeterminado. Os recursos adquiridos por meio do capital social, (entretanto), carregam freqüentemente a expectativa de retribuição num ponto futuro" (Portes, 1995; p. 12).

A idéia de uma "expectativa de retribuição num ponto futuro" é cara para a nossa argumentação, pois a definição dos mecanismos de acionamento do capital social está vinculada à motivação do agente. Nesse sentido, Portes define como *reciprocidade* a motivação para agir do "doador", quando a transferência de recursos para outros é

acompanhada de uma expectativa de retorno do favor obtido pelo beneficiário; se a transferência de recursos acontece através da empatia do "doador" pelas necessidades de um membro da mesma comunidade, o mecanismo toma a conotação de *solidariedade* (Portes, 1995; p. 15). A diferença básica entre os dois tipos é que a reciprocidade é uma propriedade relacional, na qual as expectativas são baseadas exclusivamente no conhecimento anterior dos atores envolvidos, como ocorre entre amigos, enquanto que a solidariedade é de característica estrutural, quando todos os atores são parte de uma rede de relacionamentos mais ampla, como uma comunidade étnica, na qual os membros não necessitam de contato pessoal como representação de pertencimento. Portes afirma que a segunda situação propicia as bases mais fortes para a transferência de favores, pois o não cumprimento das retribuições provoca uma pesada sanção coletiva. A comunidade brasileira nos Estados Unidos, no entanto, parece carecer de uma base de representações coletivas suficientemente forte para conferir solidariedade entre seus membros. Margolis relata que:

"Os brasileiros falam com freqüência de uma falta de *esprit des corps* em sua comunidade, comparando-os negativamente neste aspecto a outros grupos de migrantes de Nova York. Todos os presentes em um encontro no Queens insistiram ser o único grupo étnico da cidade que não tem senso de comunidade" (Margolis, 1994; p.305). E também que:

"Esse panorama contrapõe-se às inúmeras associações comunitárias e meios de comunicação encontrados entre outros novos imigrantes na cidade. Apenas como exemplo, há, na cidade de Nova York, 46 igrejas coreanas, cuja maior parte tem seus próprios clubes e associações nelas baseados, além dos inúmeros clubes e organizações profissionais, recreativas, políticas, sociais e cívicas dessa comunidade. Até mesmo a pequena comunidade iemenita tem clubes que atendem suas necessidades" (idem; p. 308).

Os imigrantes brasileiros em Massachusetts, retratados por Martes (2000), apresentam também a idéia de falta de espírito comunitário no que se refere à transferência de pontos de faxina para os novos imigrantes, pois trazem à tona a idéia de:

"(...) posse, como quem adquire o domínio de um cargo. De modo que a 'venda de casas' pode expressar o ímpeto empresarial dos imigrantes brasileiros, mas com um traço arcaico da cultura patrimonialista deste país. Talvez por este motivo, vender empregos é interpretado pelos entrevistados, ora como sinal de 'americanização' dos imigrantes brasileiros ('na América tudo é dinheiro'), ora como uma expressão contundente do 'jeitinho brasileiro' ou da falta de solidariedade" (Martes, 2000; p.110).

Paradoxalmente, o "mercado" de capital social funciona muito bem para os brazucas, servindo a maioria dos imigrantes nos Estados Unidos de forma satisfatória, pelos laços sociais de grupos mais restritos, como famílias ou amigos. De onde vem, então, essa sociabilidade tão estreita, que prescinde da solidariedade étnica em sua dinâmica? Uma possível resposta pode ser encontrada em nossas raízes, ou melhor, em "Raízes do Brasil",

de Sérgio Buarque de Holanda. Holanda, como ele mesmo diz, foi muito feliz ao cunhar a expressão "homem cordial" para caracterizar o tipo ideal[10] do brasileiro. A expressão "cordialidade", como o próprio texto esclarece, deve ser tomada em seu sentido etimológico, e não como sinônimo de bondade ou cortesia. A origem da palavra "cordial" vem do latim *cordis*, que significa coração, e nos remete a ação baseada na emoção, ou, nas palavras do autor:

"A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar 'boas maneiras', civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante" (Holanda, 1973; p.106).

No "homem cordial", a vida em sociedade é uma libertação do medo que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si em todas as circunstâncias da vida. Em oposição à cordialidade, a polidez corresponde a uma atitude de afastamento emocional ante o social, evidenciada pelo respeito ritualístico entre os membros de uma comunidade. O temperamento do brasileiro admite fórmulas de reverência, mas somente enquanto não suprimam de todo a possibilidade de um convívio mais familiar. A ausência de uma forma de cooperação comunitária entre os brasileiros nos Estados Unidos, no nosso entendimento, é compensada pela prontidão com que as necessidades de membros de grupos sociais mais restritos são atendidas. Apesar da deficiência encontrada nas formas de cooperação mais difusas entre os imigrantes brasileiros, há fortes evidências de cooperação específica, particularmente entre familiares e amigos próximos. A manifestação da aversão à distância, própria do brasileiro, corresponde à:

"(...) atitude natural aos grupos humanos que, aceitando de bom grado uma disciplina da simpatia, da 'concórdia', repelem as do raciocínio abstrato ou que não tenham como fundamento, para empregar a terminologia de Tönnies, as comunidades de sangue, de lugar ou de espírito11" (Holanda, 1973; p. 109).

Os recursos do capital social para os brasileiros, portanto, circulam predominantemente em circuitos mais estreitos de convivência, pois a confiança de que as expectativas de retribuição serão preenchidas está atrelada à forma de sociabilidade de nosso povo. O capital social transita pelas conexões sociais, as quais são moldadas pela tradição patriarcal da nossa sociedade. Em função da forte influência exercida pela nossa cultura comportamental na distribuição dos recursos entre os membros das comunidades de

[10] Em termos weberianos, tipo ideal é uma abstração construída para representar um conjunto global através de características parciais.
[11] Ou sejam as categorias: (1) de parentesco; (2) de vizinhança; (3) de amizade (Nota do autor).

imigrantes, consideramos apropriado o uso da expressão "capital cordial" como uma referência à ausência de solidariedade étnica generalizada e à forte presença de uma reciprocidade mais específica.

Há muito tempo, Weber notou que as restrições da comunidade sobre as iniciativas e obrigações individuais seriam precisamente as características da organização econômica tradicional que seriam superadas pelo capitalismo racional moderno. Ele pensou que a difusão de suas normas universais afastaria este e outros obstáculos da eficiência econômica. Mesmo que Weber nunca tenha dito que tais normas dominariam todas as esferas da ação social, nós podemos afirmar que elas estão muito longe de fazê-lo, pois os benefícios e constrangimentos do "capital cordial" permeiam cada aspecto da vida do imigrante brasileiro nos Estados Unidos.

CONCLUSÃO

O movimento de brasileiros para os Estados Unidos é um processo repleto de adversidades que atingem principalmente os projetos dos migrantes clandestinos. A decisão de mudar para outro país, geralmente tomada junto à família, é acompanhada de uma série de incertezas que percorrem cada etapa da vida do migrante. Antes de deixar o Brasil, o indivíduo deve decidir se a tentativa de entrar nos Estados Unidos como turista é a melhor estratégia, ou se a rota via México é a que apresenta melhor possibilidade de êxito. Uma vez na América, cada detalhe que representa um avanço na incorporação do imigrante, corresponde também a um desafio às restrições políticas, sociais e econômicas que permeiam a vida do indocumentado.

O que motivou a realização desta tese foi o intuito de estabelecer fatores determinantes, de natureza não estritamente econômica, para os efeitos específicos que resultam da dinâmica desse processo particular. A adaptação do imigrante na sociedade norte-americana, as características de seletividade e ampliação do movimento migratório, e a ligação tão estreita entre locais de origem e de destino, são elementos que estão associados ao modo com que a comunidade migrante se organiza socialmente. Dessa forma, buscamos nas trocas de favores as respostas que nos permitiram prosseguir sobre o terreno que as teorias econômicas não alcançam, como vimos no primeiro Capítulo.

Ficou claro que não existe um tipo padrão de migrante, principalmente pela comparação com os resultados de outros estudos. O que surgiu foi um álbum de figuras, algumas repetidas, mas quase todas com cores próprias. A seletividade que atua nesse processo, portanto, não considera as características exteriores dos indivíduos como um critério. As únicas exceções são as faixas extremas de idade, que agregam pouquíssimos indivíduos. O que percebemos é que os indivíduos ingressam no movimento que leva aos Estados Unidos porque pertencem a determinados grupos sociais, sejam de familiares ou de amigos, os quais, excepcionalmente, transplantam um ou mais pontos de suas redes para esse país.

Quando os imigrantes já estabelecidos propiciam a circulação de certos recursos, os quais correspondem às necessidades conjunturais dos que acabam de chegar, as condições adversas são atenuadas, e o novo imigrante se adapta mais facilmente à nova realidade. Os dados sobre transferências de recursos mostram claramente que as principais fontes de ajuda para os imigrantes são os favores obtidos por meio de laços sociais. Empréstimos diferenciados, acolhimento ou indicação para hospedagem, e preciosas informações sobre emprego, são benefícios mediados pelos mecanismos do capital social. Além disso, mostramos que as redes de parentesco são as mais importantes nesse aspecto, e que são as mulheres as melhores "negociadoras" de favores através dessas redes.

Os benefícios obtidos por meio de favores passam por canais muito restritos. Inicialmente, poucas pessoas podem usufruí-los exatamente porque poucos grupos têm acesso a contatos no exterior. Com o passar do tempo, o aumento do contingente de migrantes proporciona o aumento correspondente de grupos na origem com laços

transnacionais. O processo de aceleração do movimento, comentado no Capítulo II, ocorre de forma gradual, ao contrário do fluxo de dekasseguis, que se amplia como se estes respondessem a uma propaganda de "liquida tudo". Para o caso dos brazucas, o extravasamento dos recursos do capital social leva um certo tempo para atingir outros grupos, o que confere um fator limitante ao ritmo de expansão do movimento. Cadenciada, a ampliação da migração ocorre localmente, em função da circunscrição da base territorial na qual os laços sociais estão estruturados.

Devido à limitação espacial dos grupos sociais, a expansão do movimento ocorre primordialmente em territórios contíguos, como domicílios de uma mesma vizinhança ou bairro. Os imigrantes nos Estados Unidos, contudo, não pertencem necessariamente aos mesmos grupos em suas cidades de origem. Assim, podemos imaginar vários pontos nessas cidades a partir dos quais algumas manchas se espalham, correspondendo ao aumento do fluxo migratório. Por esse motivo, fica muito fácil entender porque somente algumas cidades brasileiras apresentam altos índices de migração internacional para os Estados Unidos, ao mesmo tempo em que um número ainda menor de cidades desse país aparece como local de destino, como vimos no Capítulo IV.

A abordagem do fenômeno da migração internacional, por meio do conceito de capital social, aplica se muito bem ao caso dos brasileiros nos Estados Unidos. O único elemento que não se encaixa é a argumentação, por parte de alguns autores, de que o mecanismo de solidariedade étnica inerente às comunidades de imigrantes, como motor de transferência dos recursos sociais, é tão ou mais importante que a reciprocidade específica aos grupos sociais mais fechados. Estudiosos do caso brasileiro demonstraram um certo incômodo com essa afirmação, em função da imagem do "homem solidário" não aparecer como reflexo de suas experiências no trabalho de campo. A quebra da expectativa, com relação à forma geral de acolhimento de um novo migrante no seio da comunidade de brazucas, registrada primeiramente por Maxine Margolis, depois por Cristina Martes, e ainda por outros, confere ao grupo nacional uma marca distintiva, mas que demanda uma análise mais detalhada.

Em função da semelhança do migrante brasileiro com o "homem cordial" de Sérgio Buarque de Holanda, argumentamos que a característica de sociabilidade de nosso povo é a responsável pela maior eficiência dos laços em grupos sociais fechados, na transferência dos benefícios tão caros aos migrantes clandestinos. E porque o capital social está relacionado à habilidade de acessar os recursos necessários, concluímos que seria pertinente adotar o termo "capital cordial" para identificarmos o modo com que os brasileiros se organizam socialmente e se apóiam em suas redes de relacionamentos. Esta análise que apresentamos é somente o início de uma discussão que, se ampliada num futuro próximo, pode se revelar promissora no entendimento de um processo que se mostra bastante complexo.

As informações captadas por meio dos nossos questionários foram fundamentais para a argumentação proposta neste trabalho, mas somos obrigados a reconhecer alguns limites do banco de dados. O número de pessoas de cada amostra, por exemplo, impede que algumas generalizações sejam explicitadas, em função do baixo potencial de desagregação dos dados. Também foram perdidas as informações sobre domicílios nos quais todos os membros migraram, uma vez que a procura por esses

domicílios representaria um viés na aleatoriedade da amostra. Assim, perdemos uma dimensão importante da estratégia familiar na migração internacional.

Se fosse possível retornar ao momento de construção do instrumento de coleta de dados, algumas novas variáveis seriam incorporadas. "Pretende voltar ao Brasil?" e "Quando?" são exemplos que poderiam fornecer pistas sobre a correlação entre o uso do "capital cordial" e a expectativa temporal do migrante. Acreditamos que uma parte dos migrantes sai do Brasil com um plano definido de retorno, logo que um objetivo, como a compra de um bem, seja conquistado. Entretanto, várias pessoas refazem seus projetos iniciais, em função dos mais variados fatores. Para esses casos, seria interessante verificar em que medida o acesso ao capital cordial está relacionado à mudança dos planos de permanecer ou de retornar.

Finalmente, consideramos que a migração de brasileiros para os Estados Unidos, apesar de constituir um meio para melhorar a qualidade de vida de muitas pessoas, também se configura como uma denúncia, que revela a queda do otimismo do brasileiro com relação às possibilidades de desenvolvimento de seu próprio país. Além disso, consideramos uma perda inestimável dessa parcela da população que dedica ao território norte-americano sua força, entusiasmo e perseverança.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, B. **Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism**. London. 1983.

ASSIS, G. O. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. IFCH-UNICAMP. 2004.

_____. *Estar aqui..., estar lá... uma cartografia da emigração valadarense para os EUA.* In: REIS, R.; SALES, T. (orgs.). **Cenas do Brasil migrante.** São Paulo: Editora Boitempo. 1999.

_____. **Estar aqui, estar lá...uma cartografia da vida em dois lugares.** Florianópolis, SC. Dissertação de Mestrado em Antropologia - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC. 1995.

BERGER, S. e PIORE, M. **Dualism and discontinuity in industrial societies**. Cambridge: University Press. 1980.

BICALHO, J. V. **Yes, eu sou brazuca.** Governador Valadares: Ibituruna. 1989.

BLAU, P.M. **On the Nature of Organizations**. Nova York: Wiley. 1974.

BOISSEVAIN, J. **Friends of Friends: Networks, Manipulators and Coalitions**. Oxford: Blackwell. 1974.

BORJAS, G. J. **Friends or Strangers: the impact of immigrants on the U.S. economy.** New York: Basic Books. 1990.

BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1987.

BOURDIEU, P. e Wacquant,L. **An Invitation to Reflexive Sociology**. Chicago: University of Chicago Press. 1992.

BOYD, M. *Family and personal networks in international migration: recente developments and new agendas*. In: **International Migration Review,** vol. .XXIII, n.3. 1989.

BRINLEY, T. **Migration and Economic Growth: A Study of Great Britain and the Atlantic Economy**. London: Cambridge University Press. 1973.

BRITO, F. *A ocupação do território e a devastação da mata atlântica*. In: Paula, J. A. (coord). **Biodiversidade, População e Economia: uma região de Mata Atlântica**. Belo Horizonte.UFMG, CEDEPLAR. 1997.

_____. *Ensaio sobre as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo***.** In: **Revista Brasileira de Estudos de População**. Campinas, vol. 12, n. 1, p. 21-33, dez/jan. 1995.

CACES, F. et al. *Shadow households and competing auspices: migration behavior in the Philippines*. In: **Journal of Development Economics,** vol. XVII, n.1. 1985.

CAPUANO, A. *O caminho sem volta – classe social e etnicidade entre os brasileiros na Florida*. In: MARTES, C.; FLEISCHER, S. (orgs) **Fronteiras Cruzadas**. Paz e Terra, São Paulo. 2003.

CARVALHO, J. A M. *O saldo dos fluxos internacionais do Brasil na década de 80: uma tentativa de estimação*. In: PATARRA, N. (org.). **Migrações internacionais.** São Paulo: Oficina Editorial, Vol..2. 1996.

CASTLES, S.; MILLER, M. J. **The age of migration: International population movements in the modern world**. Hampshire London: Macmillan. 1995.

CHISWICK, B. R. *The effect of Americanization on the earnings of foreign: born men*. In: **Journal of Political Economy,** n.86. 1978.

CIATE. *Dekassegui – o homem que vale 4 bilhões de dólares*. In: **JAPÃO AQUI** São Paulo, v. 1, n. 1, p. 54-61. 1997.

COLEMAN, J.S. 1990. **Foundations of Social Theory**. Cambridge, Mass: The Belknap Press of Harvard University Press.

COSTA, S. **Política para quem precisa de política: movimentos sociais urbanos, participação e demografia**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Departamento de Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 1991.

DEBIAGGI, S. D. *Famílias brasileiras em um novo contexto cultural*. In: MARTES, C.; FLEISCHER, S. (orgs) **Fronteiras Cruzadas**. Paz e Terra, São Paulo. 2003.

_____. **Changing gender roles: Brazilian immigrant families in the U.S**. Nova York, LFB Scholarly Publishing LLC. 2002.

DEGENNE, A.; FORSÉ, M. **Introducing Social Networks**. Sage Publications. Grã-Bretanha. 1999.

DINERMAN, I. R. *Patterns of adaptation among households of U.S. - Bound migrants from Michoacan, Mexico*. In: **International Migration Review,** vol. XII, n.4. 1978.

DURKHEIM, E. **The Division of Labor in Society**. Nova York: The Free Press. 1984.

_____. **The Elementary Forms of Religious Life**. Trans. J. W. Swain. New York: The Free Press. 1965.

EKEH, P.P. **Social Exchange Theory: The Two Traditions**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press. 1974.

FAIST, T. **The Volume and Dynamics of International Migration and Transnational Social Spaces**. Clarendon Press, Oxford. North Yorkshire. 2000.

FLAP, H. D. *Social Capital and the Reproduction of Inequality: A Review*. In: **Comparative Sociology of Family, Health and Education**. n.20. 1991.

FUNDAÇÃO IBGE. **Censo Demográfico de 2000**. Rio de Janeiro. 2001.

_____. **Contagem Populacional de 1996**. Rio de Janeiro. 1997.

_____. **Censo Demográfico de 1991**. Rio de Janeiro. 1992.

_____. **Censo Demográfico de 1980**. Rio de Janeiro. 1982.

_____. **Censo Demográfico de 1970**. Rio de Janeiro. 1973.

FUSCO, W. ,*Redes Sociais na Migração Internacional: o caso de Governador Valadares.* In: **Textos Nepo n. 40**. Unicamp, Campinas. 2002.

_____. *Diferenciais por sexo nas migrações internacionais*. **Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais** – GT de migração – ABEP. 2000.

GALVÃO, W. *Brasil na mídia do mundo*. www.wscom.com.br. 2004.

GONÇALVES, J. H. R. *Quando a imagem publicitária vira evidência factual: versões e reversões do Norte (Novo) do Paraná – 1930/1970*, in DIAS, R. B.; GONÇALVES, J. H. R. (orgs.) **Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional**. Maringá, EDUEM. 1999.

GOULDNER , A. W. *The Norm of Reciprocity: A preliminary statement*. In: **American Sociological Review**, vol. 25, n.2. 1960.

GRANOVETTER, M. *The strength of Weak Ties: A Network Theory Revisited*. In: **Sociological Theory**, n.1, p. 201-233. 1983.

HARBISON, S. F. *Family structure and family strategy in migration decision making.* In: **Migration decision making: multidisciplinary approaches to microlevel studies in developed and developing countries**. Nova York: Pergamon Press, 1981.

HOLANDA, S. B. de. ***Raízes do Brasil.*** 26ª edição. São Paulo, Companhia das Letras. 1995.

JESUS, S. M. *Protagonistas de um Brasil imaginário: faxineiras brasileiras em Boston*. In: MARTES, C.; FLEISCHER, S. (orgs) **Fronteiras Cruzadas**. Paz e Terra, São Paulo. 2003.

KAWAMURA, L. **Trabalhadores brasileiros no Japão: estratégias de formação cultural.** Campinas: Faculdade de Educação - Unicamp. (Tese de Livre-Docência). 1997.

KELLY, P. F.; SASSEN, S. **For we are sold, I and my people: women and industry in Mexico's frontier**. Nova York: Suny Press, 1983.

LEVITT, P. *Transnational Communities – some preliminary thoughts and further questions.* In: **World On the Move**. Wellesley College. Vol. 5, No. 1, 1998.

LINDQUIST, B.A. *Migration Networks: a case study from the Philippines*, In: **Asian and Pacific Migration Journal**, n.2. 1993.

LOGAN, J.R. et al. *Ethnic Economies in Metropolitan Regions. Miami and beyond*. In: **Social Forces**, n. 72. 1994.

MARGOLIS, M. **Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York**. Campinas: Papirus, 1994.

MARTES, A. C. B. **Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts**. Paz e Terra. São Paulo. 2000.

_____. *Os imigrantes brasileiros e as igrejas em Massachusetts*. In: REIS, R.; SALES, T. (orgs.). **Cenas do Brasil migrante.** São Paulo: Editora Boitempo, 1999.

MARTINE, G. *A Redistribuição Espacial da População Brasileira durante a Década de 80*. In: **Textos para Discussão** n. 329, Brasília, IPEA. 1994.

_____; CAMARGO, L. *Crescimento e Distribuição da População Brasileira: tendências recentes***.** In: **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Campinas, ABEP, vol.1, n1/2, jan/dez. 1984.

MASSEY, D. S.; GOLDRING, L. *Continuities in transnacional migration: an analysis of thirteen Mexican communities*. Washington (Paper presented at Workshop U.S. **Immigration research: an assessment of data needs for future research**, financed by National Research Council) 1992.

MASSEY, D. S. et al. **Worlds in Motion: understanding international migration at the end of the millennium**. Clarendon Press, Oxford. 1998.

_____; ESPINOSA. E.; *What's driving Mexico-US Migration? A theoretical, empirical, and policy analysis*. In: **American Journal of Sociology**. n. 102. 1997

_____. et al.. **Return to Aztlan.** Los Angeles: University of California Press. 1987

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2001.

MILLMAN, J. *Typicalness: Massachusetts and Minas Gerais*. In: **The other Americans - How immigrants renew our country, our economy and our values**. Viking Editor. 1997.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Report on the world social situation.** Brasília. 1993.

PESSAR, P. A. *The role of households in international migration and the case of the U.S. - Bound migration from the Dominican Republic*. In: **International Migration Review,** vol. XVI, n.2. 1982.

PIORE, A. **Birds of Passage: Migrant Labor and Industrial Societies**. Cambridge University Press. 1978.

PIORE, M. J.; DOERINGER, P. B. **Internal Labor Markets and Manpower Analysis**. Lexington, Mass: Heat. 1971.

PORTES, A. *Economic sociology and the sociology of immigration: a conceptual overview.* In: **The economic sociology of immigration.** Nova York: Russel Sage Foundation. 1995.

_____. *From south of the border: Hispanic minorities in the United States*. In: YANS, M. V. (org.) **Immigration reconsidered: history, sociology, and politics**. Nova York: Oxford University Press. 1990.

_____.; BACH, R.L. **Latin Journey: Cuban and Mexican immigrants in the United States**. University of California Press, Berkeley, Los Angeles. 1985.

_____. *Modes of structural incorporation and present theories of labor immigration.* In: KRITZ, KELLY, TOMASI. **Global trends in migration:** theory and research on international population movements. Center for Migrations Studies. 1981.

PUTNAM, R.D. **Making Democracy Work: Civic Traditions in Modern Italy**. Princeton: Princeton University Press. 1993.

RIBEIRO, G. L. *O que faz o Brasil, Brazil: jogos identitários em São Francisco*. In: REIS, R.; SALES, T. (orgs.). **Cenas do Brasil migrante.** São Paulo: Editora. Boitempo. 1999.

ROBERTS, B. R. *Socially expected durations and the economic adjustment of immigrants.* In: **The economic sociology of immigration.** Nova York: Russel Sage Foundation. 1995.

ROOT, B. D.; DeJONG, G. F. *Family migration: conceptualizing the migrating unit in a developing country*. (Paper apresentado no Encontro Anual da American Sociological Association). Nova York. 1986.

ROSSINI, R. E. *O retorno às origens ou o sonho do encontro com o Eldorado Japonês: o exemplo dos dekasseguis do Brasil em direção ao Japão*. In: PATARRA, N. L. **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo.** São Paulo: FNUAP. 1995.

SAEGERT, S. *Social Capital and the Culture of Power: Lessons From the Field*. In: SAEGERT, S et al. (orgs): **Social Capital and Poor Communities**. Russell Sage Foundation, New York. 2001.

SAHLINS, M.D. *On the Sociology of Primitive Exchange*. In: BANTON, M. (Ed.), **The Relevance of Models for Social Anthropology**. A.S.A. Monographs 1. London: Tavistock. 1965.

SALES, T. **Brasileiros longe de casa.** São Paulo: Editora Cortez. 1999.

_____. *O trabalhador brasileiro no contexto das novas migrações internacionais.* In: Vários Autores. **O trabalho no Brasil no limiar do século XXI.** São Paulo: Editora LTR. 1995.

SASAKI, E.. *Redes Sociales de Migrantes Brasileños Descendientes de Japoneses de Maringá para Japón*. **Simposio sobre Emigracion Latinoamericana: comparacion interregional entre America del Norte, Europa e Japon**. 11 a 13 de dezembro de 2001. Minpaku, Japão. 2001a

_____. Dekasseguis: trabalhadores migrantes nipo-brasileiros no Japão. **Textos Nepo n. 39**. NEPO, UNICAMP. 2001b.

_____. O Jogo da diferença: a experiência identitária no movimento dekassegui. . Dissertação de Mestrado - IFCH/UNICAMP, Campinas. 1998.

SASSEN, S. **The mobility of labor and capital.** Cambridge: University Press, 1988.

_____. *Immigration and local labor markets*. In: PORTES, A. et al (orgs.) **The economic sociology of immigration.** Nova York: Russel Sage Foundation. 1995.

SCHMINK. M. *Household economic strategies: a review and research agenda*. In: **Latin American Research Review,** vol. XIX, n.3. 1984.

SCUDELER, V. *Imigrantes valadarenses no mercado de trabalho dos EUA*. In: REIS, R.; SALES, T. (orgs.). **Cenas do Brasil migrante.** São Paulo: Editora Boitempo. 1999.

_____. **A inserção de imigrantes brasileiros no mercado de trabalho dos EUA.** Dissertação de Mestrado - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas. 1999.

SIMMEL, G. *Conflict*. In: **Conflict and the Web of Group-Affiliations**. New York: Free Press. 1955.

SIMON, R. J. *Sociology and immigrant women*. In: GABACCIA, D. **Seeking Common Ground.** Westport, Praeger. 1992.

SOARES, W. **Da Metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga**. Tese de doutorado em Demografia, Universidade Federal de Minas Gerais, CEDEPLAR. 2002.

_____. **Emigrantes e investidores: redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarenses. Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1995.

SOMERS, M.R. The Narrative constitution of identity: a relacional and network approach, In: **Theory and Society**, vol. 23. 1994.

STARK, O. **The Migration of Labour**. New York, Cambridge University Press. 1991.

TAYLOR, J.E. Undocumented Mexico – US Migration and the returns to households in rural Mexico. In: **American Journal of Agricultural Economics**, n. 69. 1987.

TILLY, C. *Citizenship, Identity and Social History*, **International Review of Social History**, supplement 3. 1996.

_____. *Transplanted networks*. In: YANS, M. V. **Immigration reconsidered: history, sociology, and politics.** Nova York: Oxford University Press. 1990.

VEJA (Magazine). *Nossa gente lá fora*. Editora Abril, Ano 29, 03 de abril. 1996.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social and Network Analysis**. Cambridge University Press. 1994.

WILLIAMSON, O.E. *The Economics of Organizations: The Transaction Cost Approach*, In: **American Journal of Sociology**, vol. 87, n.4. 1981.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar. 1982.

WERBNER, P. **The Migration Process: Capital, Gifts, and Offering among British Pakistanis**. Nova York: Berg. 1990.